

Taís Barbosa Manenti

O conceito de fascismo em Theodor W. Adorno

Marília
2023

Taís Barbosa Manenti

O conceito de fascismo em Theodor W. Adorno

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Filosofia,
da Faculdade de Filosofia e Ciências, da
Universidade Estadual Paulista – UNESP -
Câmpus de Marília, para obtenção do título de
Bacharel em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia.

Financiadora: FAPESP – Proc. nº 2019/14695-7

Orientador: Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno

Marília
2023

M274c Manenti, Taís Barbosa
O conceito de fascismo em Theodor W. Adorno / Taís
Barbosa Manenti. -- Marília, 2023
86 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Filosofia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e
Ciências, Marília
Orientador: Sinésio Ferraz Bueno

1. Filosofia. 2. Teoria Crítica. 3. Theodor W. Adorno. 4.
Fascismo. I. Título.

Taís Barbosa Manenti

O conceito de fascismo em Theodor W. Adorno

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Filosofia, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia.

Financiadora: FAPESP – Proc. n° 2019/14695-7

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno
UNESP – Câmpus de Marília
Orientador

Prof. Dr. Rodrigo Peloso Gelamo
UNESP – Câmpus de Marília

Prof. Dr. João Vicente Hadich
UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná

Marília, 13 de Março de 2021

AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico dessa natureza esconde por entre suas linhas e páginas aquilo que as palavras são incapazes de capturar, o medo diante a barbárie. Este singelo agradecimento é, também, mais uma prova da insuficiência das palavras perante os sentires que em mim habitam. De todo modo, espero abraçar por meio delas aqueles a quem as direciono. Vocês sabem quem são.

Agradeço, primordialmente, aos meus pais Joelma e Paulo que propiciaram bases afetivas e materiais para minha formação, tanto acadêmica, quanto humana. Estes, mesmo sem nunca terem lido nenhum texto dos cânones revolucionários, muito me ensinaram sobre a luta de classes e a importância de lutar pelos meus direitos.

Agradeço ao meu avô Antônio por todo afeto edificado em vida, principalmente durante minha infância. O senhor esteve lá para me acompanhar em tantas aventuras e, infelizmente, não estará para me acompanhar no fim dessa jornada. De todo modo, sou grata e sentirei saudades por toda minha vida. Aos nossos mortos em decorrência da COVID-19, nenhum minuto de silêncio, mas uma vida inteira de luta!

Ao meu companheiro e amigo Leonan que tem amenizado as dores e os medos próprios da existência e feito do amor repouso e construção constante. Como disse Adorno em *Minima Moralia*, “amado tu será unicamente quando puderes te mostrar fraco sem provocares força”.

A cada companheira e companheiro do Movimento Estudantil que acolheu minha revolta e potencializou a luta em defesa da Universidade Pública e em prol de uma vida digna para a classe trabalhadora. Em especial, agradeço a companheirada da Resistência Popular Estudantil que evidenciou a importância de organizar a revolta. Estudar juntos, lutar juntos!

A cada professora e professor que não se furtou da luta e soube tocar o mundo de cada estudante com o devido respeito, não cedendo à hierarquia acadêmica de modo a assediar, perseguir ou constranger aqueles que deles esperavam um apoio e incentivo para sua formação.

A cada trabalhadora e trabalhador da Universidade que lutou em defesa da mesma e proporcionou uma permanência menos difícil a cada estudante que, distante de sua família, buscava acolhimento e condições dignas de vida naquele espaço.

A cada colega de trabalho e estudante do Cursinho Alternativo da Unesp de Marília (CAUM), junto dos quais pude construir momentos de saber e luta pelo fim do vestibular. Vida longa aos cursinhos populares!

A cada pessoa que pude edificar uma afetividade capaz de amenizar os dias difíceis e potencializar os dias alegres. Em especial, àquelas que não se furtaram da luta por compreender que só por meio dela seria possível construir um mundo digno de abraçar a existência daqueles que amamos.

Ao meu orientador Sinésio que possibilitou o desenvolvimento de minha pesquisa durante a graduação, aproximando-me do objeto de pesquisa de modo adequado, bem como auxiliando-me no processo de escrita acadêmica, até então desconhecida, em grande parte, por mim.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que subsidiou minha pesquisa (processo nº 2019/14695-7), colaborando, assim, tanto para meu desenvolvimento como pesquisadora, como para minha permanência na Universidade, haja visto as poucas bolsas ofertadas para que os estudantes consigam permanecer em seus cursos de forma digna.

O passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo.

Theodor W. Adorno

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a conceitualização do fascismo na perspectiva de Theodor W. Adorno. Os textos a serem examinados dizem respeito ao período de produção teórica em que o autor se encontrava, juntamente de outros membros do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, exilado nos EUA. Durante a década de 40 e 50, Adorno buscou compreender, à luz da psicanálise freudiana, os conteúdos ideológicos autoritários manifestos na democracia norte-americana, a metodologia pela qual eram disseminados e o porquê as pessoas aderiram a eles buscando, dessa forma, desenvolver medidas capazes de combater o fascismo no seio das democracias modernas. A crescente chegada de líderes de extrema-direita ao poder por meio de uma ampla adesão a discursos preconceituosos e fortemente autoritários e o consequente aumento da intolerância pelo mundo coloca a todos aqueles comprometidos com a não repetição da barbárie o desafio de compreender o fascismo e, por conseguinte, traçar uma rota de superação do mesmo, a fim de que a dignidade humana seja preservada nas democracias modernas.

Palavras-chave: Teoria crítica; Adorno; Fascismo.

ABSTRACT

This work aims to present the conceptualization of fascism in Theodor W. Adorno's perspective. The texts examined concern the period of theoretical production in which the author was, together with other members of the Research Institute of Frankfurt, exiled in the USA. During the 40s and 50s, Adorno sought to understand, by Freudian's psychoanalysis, the authoritarian ideological contents manifested in American democracy, the methodology by which they were disseminated and why people adhered to them, thus seeking to develop measures capable of fighting fascism in modern democracies. The increasing extreme right leaders in power through broad adherence to biased and strongly authoritarian discourses and the consequent increase in world intolerance puts all those are committed to the non-repetition of barbarism in the challenge of understanding fascism, therefore, to trace a route to overcoming it, so that human dignity is preserved in modern democracies.

Key Words: Critical Theory; Adorno; Fascism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: BREVE HISTÓRICO DO INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS	13
CAPÍTULO 2: ELEMENTOS DA PSICANÁLISE FREUDIANA CONSIDERADOS POR ADORNO EM SUA ANÁLISE CONCERNENTE AO FASCISMO	17
CAPÍTULO 3: DA LIDERANÇA VERDADEIRAMENTE DEMOCRÁTICA E VACINAS CONTRA O ANTIDEMOCRATISMO	34
CAPÍTULO 4: A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA	47
4.1 Situando <i>The authoritarian personality</i> na produção do Instituto.....	47
4.2 Introdução ao problema de pesquisa.....	50
4.3 Caracterizando o método.....	62
CAPÍTULO 5: ESCALA DE FASCISMO (F)	72
5.1 A necessidade de um instrumento para a mensuração de tendências implicitamente antidemocráticas.....	72
5.2 A construção da Escala de Fascismo (F) e a teoria que a subjaz.....	74
5.3 As variáveis da Escala de Fascismo (F).....	76
CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	86

Introdução

O objetivo deste trabalho reside na compreensão da conceitualização do fascismo, na perspectiva de Theodor W. Adorno. Visando desnudar a concepção do fenômeno desenvolvida pelo autor, foram utilizados como instrumental teórico artigos frutos de trabalhos desenvolvidos em solo norte-americano, durante o período de exílio do Instituto de Pesquisas Sociais. Esses artigos sempre estiveram atrelados a trabalhos empíricos realizados pelos membros do Instituto, ainda em solo alemão. Posto isto, em um primeiro momento, o presente trabalho buscou evidenciar o desenvolvimento dos fundamentos psicanalíticos considerados por Adorno para analisar o fascismo. Contou com o arsenal teórico de Sigmund Freud para auxiliá-lo na exposição do plano de fundo emocional da atmosfera fascista que, segundo o autor, emergiu na sociedade norte-americana, na qual estava exilado. Dele, Adorno deu ênfase na sua análise da *psicologia de massa* e ao conceito de *narcisismo das pequenas diferenças*. Em um segundo momento, este trabalho buscou discorrer sobre a análise da oratória do líder fascista realizada por Adorno. Em seguida, evidenciou o diagnóstico adorniano de fascismo como perversão da democracia e as possibilidades de enfrentamento circunscritas na formulação de vacinas contra o antidemocratismo. E, de modo a mergulhar, ainda mais, na concepção de fascismo desenvolvida por Adorno, foi utilizado como instrumental teórico *The authoritarian personality*. Por meio da obra, averiguamos em que medida os resultados nela contidos possibilitaram o autor a detectar a existência de um tipo de indivíduo propenso ao antidemocratismo, dado determinado contexto. Durante esse percurso, permaneceu evidente, tal como em outras etapas do desenvolvimento deste trabalho, o papel central exercido pelos elementos psicanalíticos freudianos no que tange a investigação do fascismo por Adorno.

Posto isto, é de suma importância salientar que, para a elaboração deste trabalho, a fim de compreender, mais a fundo, a história de formação da Teoria Crítica e o papel do Instituto nos Estados Unidos. Esses elementos históricos propiciaram uma melhor compreensão em relação a integração da psicanálise às pesquisas empíricas realizadas no Instituto, sendo esse processo de

integração de suma importância para edificar a compreensão de que modo Adorno olhou para o fascismo.

Capítulo 1

Breve histórico do Instituto de Pesquisa Sociais

Um grupo de homens interessados na teoria social e com formações acadêmicas diferentes veio a se reunir, com a convicção de que formular o negativo, em uma época de transição, era mais importante que construir carreiras acadêmicas. O que os uniu foi a abordagem crítica da sociedade existente.

Max Horkheimer¹

A empreitada teórica de desnudar um conceito é ainda mais árdua quando diz respeito à produção de Theodor W. Adorno — cujos meandros estão inscritos, em grande parte, na chamada Teoria Crítica. Isto porque este conjunto teórico diz respeito a uma vasta produção intelectual interdisciplinar desenvolvida no interior do *Institut für Sozialforschung* [Instituto de Pesquisas Sociais, em português], fundado no início da década de 20, em Frankfurt, na Alemanha (JAY, 2008). Discorrer, brevemente, a respeito da criação do Instituto e de seus primeiros anos em Frankfurt, anteriores a filiação de Adorno e ao exílio norte-americano, é fundamental para compreender em que medida esse período ressoou na análise adorniana sobre o fascismo — sobretudo no que diz respeito a integração da psicanálise em seu corpo teórico.

O Instituto surge, em grande medida, da necessidade dos intelectuais da esquerda alemã de reexaminar as bases da teoria de Marx “na dupla esperança de explicar os erros do passado e preparar a ação do futuro” (JAY, 2008, p. 39). Foi idealizado, inicialmente, por Felix Weil cujo desejo era de “contornar os canais normais da vida universitária” e, assim, poder se debruçar sobre temas como “a história do movimento trabalhista e as origens do anti-semitismo” (JAY, 2008, p.44), até então, negligenciados pelo currículo-padrão do ensino superior alemão. No verão de 1923, Weil propiciou a um grupo de intelectuais marxistas — graças ao apoio financeiro de seus pais — a oportunidade de discutir questões relacionadas ao marxismo, pois só assim, acreditava Weil, seria possível alcançar um marxismo “verdadeiro” ou “puro” (JAY, 2008). A Primeira Semana Marxista do Trabalho, como foi

¹ Em carta a Jay, constituinte do prólogo de *Imaginação dialética*.

chamado este encontro, contou com a presença de figuras importantes do pensamento social do século XX tal como György Lukács, Karl Korsch, Friedrich Pollock e Karl Wittfogel (JAY, 2008). Dessa experiência intelectual resultou a criação do Instituto, concebido de forma que sua estrutura institucional fosse capaz de proporcionar a independência intelectual almejada por parte dos intelectuais da esquerda alemã, naquele momento (JAY, 2008). Isto porque esses intelectuais estavam cientes do desafio posto pelos mecanismos de absorção da cultura aqueles que visavam exercer sua função crítica enquanto intelectuais; a função crítica de um intelectual, ao ser executada com maestria, deveria propiciar a ele sobrepujar “a capacidade da cultura de amortecer o protesto” (JAY, 2008, p. 27). Neste ponto, é importante salientar que “tendo em mente a insuficiência de de uma solução puramente cultural, muitos intelectuais críticos tentaram integrar seu protesto cultural a um equivalente político” (JAY, 2008, p. 27), colocando em risco a perspectiva crítica de seu pensamento. O dilema entre a torre de marfim e os movimentos políticos radicais, marcou fortemente a experiência dos membros do Instituto.

Diante “o fracasso da teoria marxista tradicional para explicar a relutância do proletariado em cumprir seu papel histórico” (JAY, 2008, p. 166), houve, por parte de alguns teóricos a tentativa de integrar o pensamento de Marx ao pensamento de Freud. O movimento freudo-marxista, desenvolvido ao longo dos anos 20 e 30, é avocado por Rouanet (2001) por sua contribuição fundamental a teoria crítica concernente ao estatuto da psicanálise freudiana em seu seio teórico. Essa utilização da psicanálise pelos marxistas teve como plano de fundo a Revolução Bolchevique, em 1917, e a chegada de Hitler ao poder, em 1934, sendo sua receptividade diversa, havendo desde simpatia durante a primeira fase da revolução russa, na URSS, como supressão de sua teoria considerada “burguesa” por parte dos ideólogos da III Internacional, conforme relata Rouanet. Os fenômenos históricos supracitados, apontaram para um descompasso entre fatores objetivos e subjetivos, sobretudo, a escolha feita pelo proletariado alemão por Hindenburg e, posteriormente, Hitler. Para Marx, a classe trabalhadora, diante da intensificação de sua pauperização, seria forçada a encarar a realidade sem o véu ilusório da ideologia, alavancando, dessa forma, a luta contra a classe dominante, a burguesia. Contudo, a classe trabalhadora alemã, mesmo

em estado de intensa pauperização, aderiu a um discurso liberal juntamente da socialdemocracia e não correspondeu à contrapropaganda marxista que, segundo Marx, seria capaz de desmascarar a farsa da ideologia burguesa. Nesse sentido, “a ideologia fascista representou uma significativa alteração histórica na forma e na função da ideologia” (CARONE, 2012, p. 16). Conforme aponta Carone,

A teoria clássica da ideologia, advinda da obra de Marx, sempre apontou para duas características do discurso ideológico: (1) representação falsa, invertida ou ilusória da realidade social; (2) instrumento de dominação das classes dominantes (toda ideologia é ideologia de dominação). A crítica da representação ou a crítica ideológica consistiria na prova de sua inverdade, na desinversão de seu conteúdo e na desmistificação da ilusão nela contida. Ora, isso supõe que a sua falsidade possa ser negada e o seu poder de dominação sobre a consciência contrabalançado pelo poder da crítica. *Mas se ela não pretende ser verdadeira e sim, uma mentira manifesta da boca dos seus líderes, então a crítica ideológica perde totalmente a sua eficácia.* (2012, p. 16 – 17, grifos da autora)

A força dessa ideologia que não se dissolvia nem pela experiência objetiva da pauperização, tampouco pela contrapropaganda marxista, se tornou um enigma contra o qual a psicanálise foi convocada.

A psicanálise, enquanto doutrina do funcionamento psíquico da ação irracional, parecia oferecer instrumentos para a compreensão do enigma. Se a ideologia era tão tenaz, não seria porque derivava sua força de persuasão de mecanismos afetivos, irredutíveis à argumentação racional, mas acessíveis, em sua estrutura profunda, às categorias explicativas da psicanálise? (ROUANET, 2001, p. 14)

Vale ressaltar que, embora alguns setores da esquerda tenham, posteriormente, aceito a ideia de que Marx e Freud partiam de pontos de vista distintos para abordarem questões similares, esse “casamento antinatural” (JAY, 2008, p. 133) foi duramente ridicularizado na década de 30. A primeira tentativa de integração da psicanálise ao trabalho teórico do Instituto se deu por meio do trabalho de Erich Fromm que, na década de 40 viria a abandonar o Instituto e o freudismo ortodoxo. Adorno, em 1946, apresentou um artigo para evidenciar em que medida o Instituto divergira com Fromm, acusado de “revisionista”.

Para compreendermos de que forma Adorno abordou o fascismo, é preciso evidenciar, também, de que modo o Instituto desenvolveu seus trabalhos empíricos² durante os anos em que esteve na Alemanha, anteriores

² Neste ponto, é preciso salientar que os métodos empíricos foram utilizados nesses estudos como forma de enriquecimento e respaldo teórico, não sendo uma forma de verificação teórica,

ao exílio nos Estados Unidos, ocasionado pelo avanço do nazifascismo na Europa. Ao assumir a direção do Instituto, em 1930, Max Horkheimer engendrou a primeira tentativa de “aplicar a teoria crítica a um problema concreto e empiricamente verificável”, incubindo ao Instituto a tarefa de realizar “um estudo empírico da mentalidade dos trabalhadores na República de Weimer” (JAY, 2008, p. 167). Embora este primeiro estudo nunca tenha sido publicado, seu diagnóstico foi certo: “a classe trabalhadora alemã viria a aceitar o nazismo sem nenhuma resistência real” (JAY, 2008, p. 168). Assim sendo, “um dos componentes principais de sua interpretação do nazismo foi a convicção de que esse fenômeno não poderia ser isolado das tendências gerais da civilização ocidental como um todo” (JAY, 2008, p. 185); para Horkheimer e aqueles que o circundavam, a “cultura de massa era o celeiro do totalitarismo político” (JAY, 2008, p. 279). Posto isto, Adorno se tornou membro oficial do Instituto em 1938 e, apesar de não ter participado dos primeiros estudos empíricos realizados, estes ressoaram de forma significativa em seu trabalho, sobretudo no período de exílio em que o foco³ do Instituto “passou a incidir nas formas norte-americanas de autoritarismo” (JAY, 2008, p. 228), pois

Nos Estados Unidos, o autoritarismo aparecia sob disfarces diferentes dos de seus equivalentes europeus. Em vez do terrorismo ou da coação, tinham-se desenvolvido formas mais delicadas de imposição de conformismo. Talvez a mais eficaz estivesse no campo cultural. Assim, a cultura de massa norte-americana passou a ser um dos interesses centrais da Escola de Frankfurt na década de 40. (ROUANET, 2008, p. 228)

propriamente dita (JAY, 2008). Isto porque “desde o começo, a Escola de Frankfurt criticou as tendências reducionistas implícitas nas ciências sociais que tinham orientação indutiva e empírica. Ao explorar os fenômenos sociais, ela priorizava a teoria e não a compilação de “fatos”, do mesmo modo que, na política, punha a teoria à frente da práxis.” (JAY, 2008, p. 284).

³ O foco do Instituto incidiu sobre os mecanismos responsáveis pela mediação entre cultura e política em termos psicossociais sem nunca deixar de lado os pressupostos centrais da teoria crítica (JAY, 2008).

Capítulo 2

Elementos da psicanálise freudiana considerados por Adorno em sua análise concernente ao fascismo

O artigo *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* foi elaborado por Adorno, com a colaboração de Max Horkheimer, em um período no qual as pesquisas do Instituto foram financiadas pela Comissão Judaica Norte-Americana⁴, devido a crítica situação financeira⁵ na qual se encontrava, sobretudo, por conta do exílio para os Estados Unidos (JAY, 2008, p. 282-3). O artigo em questão dialoga com um dos trabalhos desenvolvidos pelo Instituto, ao final da década de 40, já em solo norte-americano, chamado *Prophets of Deceit* (“profetas do engano” ou “profetas do embuste”, em português), cujo desenvolvimento esteve sob responsabilidade de Leo Löwenthal e Norbert Guterman. Nas palavras de Jay,

Enquanto os outros estudos enfocavam as reações das pessoas mais acessíveis à propaganda demagógica, *Profetas do Embuste* examinou os vários recursos usados para provocar essas reações. A linguagem do agitador, afirmaram os autores, tinha de ser decifrada por uma espécie de código Morse psicológico. Como se poderia esperar, a principal fonte desse código era a psicanálise. (2008, p. 301-2)

Em 1951, dois anos após a publicação desse estudo, Adorno também fez uso da psicanálise para talhar sua análise a respeito da propaganda fascista norte-americana. Da mesma forma que para Löwenthal e Guterman, o que estava em jogo para Adorno era “mais que a susceptibilidade do indivíduo a demagogia; também eram importantes as tendências latentes na sociedade como um todo” (JAY, 2008, p. 301). O pressuposto básico do trabalho de Löwenthal e Guterman “de que a manipulação, e não a livre escolha, era a norma da sociedade moderna” (JAY, 2008, p. 301) ressoou fortemente nessa análise adorniana que, em geral, evidenciou que a propaganda fascista se trata de um instrumento de manipulação de massas cuja efetividade diz respeito a

⁴ “Já em 1939 o Institut havia preparado um prospecto para um estudo sobre o antissemitismo, divulgado no penúltimo número de seu periódico. A AJC manifestou interesse pelo projeto na esperança de impedir que ocorresse nos Estados Unidos o que estava em curso na Europa.” (JAY, 2008, p. 283)..

⁵ “Em 1938, (...) investimentos malsucedidos e a multiplicação de apoios a novos refugiados haviam reduzido seriamente os recursos disponíveis. (...) A situação ficou tão crítica que, em carta a Löwenthal, Horkheimer chegou a especular sobre a possível dissolução do Institut, caso não encontrasse um patrocinador.. (JAY, 2008, p. 282-3).

sua capacidade de capturar os indivíduos por aquilo que são: “verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada” cujas frustrações, das mais variadas ordens, ocasionaram no desenvolvimento de “uma mentalidade mesquinha e irracional” (ADORNO, 2015, p. 184). Nesse sentido, ao invés de induzir uma mudança da mentalidade daqueles que coopta, a propaganda fascista apenas reproduz a mentalidade existente em prol de seu propósito político, a saber, “a abolição da democracia através do apoio das massas contra o princípio democrático” (ADORNO, 2015, p. 154). Para além disso, as observações concernentes às técnicas propagandísticas evidenciaram que essa efetividade deriva, também, do emprego de uma psicologia dos consumidores por meio da qual se padronizou apelos cuja atração se mostrou mais efetiva. Neste ponto, Adorno compara esses apelos aos *slogans* publicitários e aponta para sua intrínseca relação para com o pensamento estereotipado engendrado por um “desejo infantil por repetição interminável e alterada” (ADORNO, 2015, p. 182), tornando, desta forma, “a constante reiteração e escassez de ideias” (ADORNO, 2015, p. 155) ingredientes centrais da técnica dos agitadores fascistas. Ao decorrer do artigo, Adorno se preocupa em evidenciar que o fascismo, enquanto fenômeno de massa, não pode ser explicado completamente em termos psicológicos, pois

Em uma sociedade completamente reificada, em que virtualmente não há nenhuma relação direta entre os seres humanos, e na qual cada pessoa foi reduzida a um átomo social, a uma mera função da coletividade, os processos psicológicos, embora ainda persistam em cada indivíduo, não mais aparecem como as forças determinantes do processo social. (2015, p. 187)

Dessa forma, Adorno não se debruça sobre o fenômeno do fascismo a fim de diagnosticar o mesmo enquanto um problema psicológico. Para o autor, é preciso compreender que o fascismo delimita uma área psicológica a ser explorada a fim de promover interesses não psicológicos, sendo o líder “mandatário de poderosos interesses econômicos e políticos” (ADORNO, 2015, pp. 185-6). Nesse sentido, a teoria freudiana a respeito da psicologia de massa auxilia, de forma central, na compreensão do autor em relação a como esses líderes se apropriam da mesma para fins de dominação. Para desenvolver tal compreensão, Adorno fundamentará sua análise no trabalho de Freud chamado *Psicologia das massas e análise do eu*, publicado em 1920, cujo maior mérito atribuído ao autor por ele diz respeito ao diagnóstico apresentado

acerca do empobrecimento do indivíduo, antecipando, dessa forma, “os átomos sociais desindividualizados e pós-psicológicos que formam os coletivos fascistas” (ADORNO, 2015, p. 187). Ademais, é preciso evidenciar, também, que Adorno se preocupou em elucidar o porquê desta abordagem, relacionada à psicologia de massa, dizer respeito, muito mais, ao fascismo do que a qualquer outro movimento de massa. Para o autor, o fascismo faz uso da psicologia de massa mais do que outros movimentos por ansiar, por meio de sua propaganda, promover uma aceitação do *status quo* através da qual o indivíduo conquista “alguma gratificação graças à identificação com o existente” (ADORNO, 2015, p. 185), sendo este, o cerne da propaganda fascista⁶. Contudo, o autor alerta⁷ que “mesmo o movimento político mais progressista pode deteriorar ao nível da “psicologia da multidão” e sua manipulação, se seu próprio conteúdo racional é despedaçado pela reversão ao poder cego” (ADORNO, 2015, p. 185).

Adorno inicia o artigo referindo-se ao diagnóstico desenvolvido por meio de exaustivos exames realizados por cientistas sociais, membros e colaboradores do Instituto, em relação a “natureza e o conteúdo dos discursos e panfletos dos agitadores fascistas norte-americanos”: a propaganda fascista “preocupa-se pouco com questões políticas concretas e tangíveis” (ADORNO, 2015, p. 153). Por meio dessa análise relacionada ao pronunciamento dos agitadores fascistas, notou-se que estes “baseiam-se obviamente mais em cálculos psicológicos do que na intenção de angariar seguidores através da colocação racional de fins racionais” (ADORNO, 2015, p. 153-4). Nesse sentido, seria preciso investigar qual o mecanismo capaz de propiciar que esses agitadores transformassem os indivíduos em “multidões tendentes a ação violenta sem nenhum fim político sensato” (ADORNO, 2015, p. 154); Adorno suspeitava, já de início, que o propósito desses agitadores seria o de

⁶ Para Adorno, essa gratificação proporcionada pela identificação com o existente, por meio da propaganda fascista, é o ponto em que se torna evidente que sua irracionalidade é, nesse sentido, racional em termos da economia pulsional do indivíduo, “pois, se o *status quo* é tomado como aceito e petrificado, precisa-se de um esforço muito maior para se ver através dele do que a ele se ajustar” (ADORNO, 2015, p. 185).

⁷ Esta alerta é feita com base no fato de que, ao se referirem às multidões, Freud e Le Bon se aproximaram das “conceitualizações usadas pela sociologia formal, sem diferenciar entre os objetivos políticos dos grupos envolvidos” (ADORNO, 2015, p. 183). Desta forma, comparações em relação ao conteúdo da propaganda fascista com os conteúdos de partidos progressistas e liberais poderiam evidenciar certa similitude entre ambos.

instigar a psicologia das massas, descrita, com maestria, no trabalho de Freud. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud buscou apontar “o caminho que vai da análise do indivíduo para a compreensão da sociedade” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 313), de modo que, já de início, se contrapôs a oposição clássica entre psicologia individual e social, afirmando que

Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado. (FREUD, 2011, p.14)

Influenciado pelo contexto oriundo da Primeira Guerra Mundial, Freud voltou-se para problemas concernentes ao narcisismo e do eu⁸, desvelando, dessa forma mecanismos e conflitos pulsionais de suma importância, em termos de recorrência na época atual (ADORNO, 2015). Para Adorno, Freud foi perspicaz ao identificar, no âmago das massas, o que poderia ser relacionado a uma nova forma de sofrimento psicológico resultante de fatores socioeconômicos responsáveis pelo “declínio do indivíduo e seu consequente enfraquecimento” (ADORNO, 2015, p. 157).

Enquanto o próprio Freud não se preocupou com as mudanças sociais, pode-se dizer que ele desenvolveu, no interior do confinamento monadológico do indivíduo, os traços de sua crise profunda e sua disposição para ceder inquestionavelmente às poderosas instâncias coletivas externas. (ADORNO, 2015, p. 157)

Desta forma, Adorno partiu desse trabalho de Freud para delinear, de uma forma mais abrangente, um sistema psicológico capaz de abarcar os dispositivos anteriormente analisados, de forma individual, no trabalho de Löwenthal e Guterman. Isto porque, para o autor,

O material de propaganda do tipo fascista forma uma unidade estrutural com uma concepção comum total, seja ela inconsciente ou consciente, que determina cada palavra dita. Esta unidade estrutural parece se referir à concepção política explícita, bem como à essência psicológica. (2015, p. 155)

Disto isto, é preciso evidenciar de que forma Freud descreve a formação de uma massa. A fim de investigar o porquê indivíduos agem de maneira distinta ao se alinharem a uma multidão, Freud parte de questionamentos concernentes à natureza da massa e de que forma ela adquire “a capacidade de influir tão decisivamente na vida psíquica do indivíduo, e em que consiste a

⁸ “Pode-se acrescentar que nesse livro o termo “eu” não denota a instância psicológica específica tal como descrita nos textos posteriores de Freud, em contraste com o isso e o supereu; ele significa simplesmente o indivíduo.” (ADORNO, 2015, p. 156).

modificação psíquica que ela impõe” (FREUD, 2011, p. 17). Ao partir destes questionamentos, dialoga com as descrições dadas tanto por Gustave Le Bon, autor de *La Psychologie des foules* (1895), quanto por William McDougall em sua obra *The Group Mind* (1920). Freud destaca as contribuições positivas de ambos os autores das quais compactua, contudo, se mostra, de certa forma, reservado, no que tange a resposta dada por eles a respeito do que ocasionaria a modificação psicológica dos indivíduos em massa. Nesse sentido, o que parece interessar Freud é descobrir “por que os seres humanos modernos retornam a padrões de comportamento que contradizem flagrantemente seu próprio nível racional e o presente estágio da civilização tecnológica esclarecida” (ADORNO, 2015, p. 159). Nesse sentido, sua busca por desvelar as forças psicológicas responsáveis por transformar os indivíduos em massa suscita no questionamento acerca do que possibilita a união desses indivíduos, atingindo, conforme aponta Adorno, o cerne da manipulação fascista — o líder.

Esse questionamento, entretanto, equivale a uma exposição do problema fundamental da manipulação fascista, pois o demagogo fascista, que precisa angariar o apoio de milhões de pessoas para objetivos altamente incompatíveis com seu próprio autointeresse racional, somente pode fazê-lo ao criar artificialmente o *vínculo* que Freud está procurando. (ADORNO, 2015, p. 159)

Ao invés de utilizar o termo “sugestão”, Freud propôs o uso do conceito de libido⁹ para enunciar sua hipótese de que a alma das massas é, essencialmente, constituída por relações amorosas, enfatizando, diferentemente dos outros autores com os quais dialoga, o papel crucial do líder nessa dinâmica de formação da massa. Com isso, Adorno supõe que “o vínculo em questão é exatamente o mesmo que o demagogo tenta reproduzir sinteticamente” e que, na realidade, “ele é o princípio unificador por detrás de seus vários dispositivos” (2015, p. 159). Deste modo, é preciso compreender quais mecanismos o líder utiliza para confeccionar este vínculo. Para tal, Adorno salienta as contribuições de Freud no que tange a formação de grupos

⁹ “Libido” é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa — embora atualmente não mensurável —, desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor”. (FREUD, 20p. 43).

fascistas por meio de sua teoria a respeito da identificação¹⁰ na qual está presente um elemento-chave deste processo: a idealização.

O que aí falseia o juízo é o pendor à idealização. Com isso nós vemos facilitada a orientação; percebemos que o objeto é tratado como o próprio Eu, que então, no enamoramento, uma medida maior de libido narcísica transborda para o objeto. Em não poucas formas da escolha amorosa torna-se mesmo evidente que o objeto serve para substituir um ideal não alcançado do próprio Eu. Ele é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo. (FREUD, 2011, p. 71)

Deste modo, ao promover tal idealização em seus seguidores, o líder fascista torna-se uma ampliação de cada indivíduo submerso na massa, possibilitando que se livrem, assim, “das manchas de frustração e mal-estar que desfiguram a imagem de seu próprio eu empírico” (ADORNO, 2015, p. 169)¹¹. Neste ponto, Adorno apresenta uma objeção à teoria freudiana no tocante a figura do líder como o pai primitivo salientando, com base no trabalho de Erik Erikson¹², que o líder fascista torna-se uma ampliação de cada indivíduo submerso na massa, o líder fascista não parece ser uma figura paterna, bem como reis em tempos remotos.

O aspecto primitivamente narcísico da identificação como o ato de *devorar*, de tornar o objeto amado uma parte de si mesmo, pode nos fornecer uma pista para o fato da imagem moderna de líder algumas vezes parecer ser o engrandecimento da personalidade do próprio sujeito, uma projeção coletiva de si mesmo, em vez da imagem do pai, cujo papel durante as últimas fases da infância do sujeito pode ter declinado na sociedade atual. (ADORNO, 2015, p. 168)

Com isso, Adorno acredita ser possível definir um grupo fascista, consoante a descrição freudiana, como sendo “uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (FREUD, 2011, p. 76). Estes indivíduos, ao se coadunarem em uma massa, tal como descreve Freud, passam a manifestar características divergentes em relação ao comportamento racional esperado face ao esclarecimento da moderna sociedade de massa (ADORNO, 2015). Deste modo, Adorno reconhece que há certa afinidade entre

¹⁰ “A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa.” (FREUD, 2011, p. 60).

¹¹ Ao assumir que os estímulos da propaganda fascista possuem correspondência com os mecanismos descritos por Freud, Adorno aponta que aqueles agitadores que deles fizeram uso não o fizeram por possuir um conhecimento teórico acerca de sua eficácia, mas sim pelo fato da experiência ter ensinado a eles “o uso racional de sua irracionalidade” (ADORNO, 2015, p. 182).

¹² Em português, “A imagística de Hitler e a juventude alemã” (JAY, 2008, p. 302).

as estas características que submergem das massas e os traços arcaicos referentes a uma realidade pré-histórica na qual Freud afirma ter ocorrido o assassinato do pai da horda primitiva. A fim de elucidar de que modo opera o “potencial atalho de emoções violentas a ações violentas” (ADORNO, 2015, p. 161), Adorno recorre a categoria psicológica de destrutividade desenvolvida, tardiamente, por Freud em *O mal-estar na civilização*, conferindo ao autor a “profecia da destrutividade fascista” (ADORNO, 2015, p. 175). No trabalho em questão, Freud discorre acerca da antiquíssima dicotomia entre o amado *in-group* e odiado *out-group*, evidenciando, em termos pulsionais, o porquê se ama o semelhante e odeia aquilo que se apresenta como diferente. Ao discorrer sobre a atuante força integradora de Eros no que diz respeito ao amor sexual, através da qual dois indivíduos encaram um terceiro como desnecessário, Freud aponta para a necessidade que a civilização possui de criar meios capazes de viabilizar fortes identificações entre seus membros para que, assim, possa existir enquanto tal. Deste modo, é preciso inibir, ao máximo, a libido de sua meta final. Para tal, a sociedade se ampara na máxima universal “ama o teu próximo como a ti mesmo”. O que, para Freud, evidencia certa ingenuidade, pois

O quê de realidade por trás disso, que as pessoas gostam de negar, é que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus* [O homem é o lobo do homem]. (FREUD, 2010, p. 76 - 77)

Nesse sentido, a civilização, constantemente ameaçada de desintegração por conta da hostilidade primária entre os indivíduos, deve impor limitações aos impulsos agressivos destes através da criação de meios capazes de viabilizar fortes identificações entre seus membros. Diante disso, Freud aponta que “sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (FREUD, 2010, p. 80), eis o *narcisismo das pequenas diferenças*. Através deste mecanismo é possível que os indivíduos de determinado grupo sejam capazes de remanejar a hostilidade a fim de garantir a coesão grupal. Via de

regra, essa hostilidade é direcionada a quem não partilha do mesmo vínculo libidinal, ou seja, a quem não faz parte do grupo. Para Adorno, Freud é perspicaz ao denotar essa força integradora negativa¹³, pois é através dela que os agitadores fascistas conseguem manter a coesão das massas, fornecendo os seus membros um ganho narcísico por meio de sua propaganda que sugere “continuamente, e algumas vezes de forma maliciosa, que o seguidor, simplesmente por pertencer ao *in-group*, é melhor, superior e mais puro que aqueles que são excluídos” (ADORNO, 2015, p. 177).

Dito isto, é preciso evidenciar que “o padrão libidinal do fascismo e toda a técnica dos demagogos fascistas são autoritários” (ADORNO, 2015, p. 163), sendo nesse ponto em que as técnicas dos demagogos fascistas se assemelham às do hipnotizador¹⁴ por compelir os indivíduos a uma regressão que os reduz a meros constituintes de uma massa (ADORNO, 2015). Segundo Freud, o hipnotizador evoca parte da herança arcaica presente no indivíduo, trazendo, dessa forma, à tona a relação do mesmo com a temerária figura do pai primitivo, diante a qual só se pode desenvolver uma atitude passiva e masoquista¹⁵.

O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu. A hipnose tem direito a ser descrita como uma massa a dois; para a sugestão resta a definição de ser um convencimento que não se baseia na percepção e no trabalho do pensamento, mas na ligação erótica. (FREUD, 2011, p. 91-2)

Logo, para Adorno, a propaganda fascista é centrada na figura psicológica do líder por somente a mesma ser capaz de trazer à tona a herança arcaica do indivíduo e, dessa forma, atingir seus fins irracionais e autoritários; é por meio da técnica propagandística da personalização que a figura do líder se

¹³ “Dado que a libido positiva é completamente investida na imagem do pai primitivo, o líder, e dado que poucos conteúdos positivos estão disponíveis, é necessário encontrar um negativo.” (ADORNO, 2015, p. 176).

¹⁴ “A apropriação da psicologia de massa pelo líder, o aperfeiçoamento de sua técnica, o permitiram coletivizar o encantamento hipnótico” (ADORNO, 2015, p. 189).

¹⁵ O masoquismo do seguidor fascista está “inevitavelmente acompanhado de impulsos sádicos” cuja harmonização foi descrita conforme a “teoria de Freud da ambivalência, originalmente desenvolvida em conexão com o complexo de Édipo” (ADORNO, 2015, p. 166) Nesse sentido, a imagem do líder seria responsável por satisfazer “o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo a autoridade” (ADORNO, 2015, p. 172).

torna o ponto central do conteúdo propagandeado, ao invés de causas objetivas passíveis de serem discutidas. Para o autor, essa atitude em relação à figura do líder contribui para que o mesmo atinja seus fins sem que o indivíduo perceba que seus interesses individuais ou de grupo são cada vez mais incompatíveis com seu comportamento político perante o líder fascista. Afinal, apesar da propaganda fascista se demonstrar racional no âmbito da economia pulsional do indivíduo, suas metas objetivas “são altamente irracionais na medida em que contradizem os interesses materiais de grande número daqueles que elas pretendem abarcar” (ADORNO, 2015, p. 184).

Por fim, é preciso elucidar a respeito do elemento de falsidade contido na dinâmica de identificação. Ao postular que o fascismo captura as pessoas por aquilo que são, Adorno alude a personalidade fascista (referida no artigo como “caráter autoritário”, também) cujo fracasso em desenvolver uma consciência autônoma devido a “internalização dos aspectos irracionais da sociedade moderna” (ADORNO, 2015, p. 184), engendrou o abandono em relação ao objeto¹⁶ (a saber, o líder), descrito por Freud. Nesse sentido, a identificação seria, para além de irracional, “heterônoma, rigidamente opressiva” e “altamente alienada em relação ao pensamento do próprio indivíduo” (ADORNO, 2015, p. 164), sendo sua finalidade última permitir que essas pessoas possam atingir “um equilíbrio entre seus ímpetos pulsionais continuamente mobilizados e o estágio histórico do esclarecimento que elas alcançaram e que não pode ser revogado arbitrariamente” (ADORNO, 2015, p. 188). Desta forma, a satisfação propiciada pela dinâmica de integração dos indivíduos à massa fascista diz respeito a sua capacidade de canalizar o ressentimento oriundo das frustrações destes, gerando um ganho no que diz respeito a economia psíquica do indivíduo. Sendo assim, Adorno afirma que “as pessoas acreditam tão pouco, do fundo do seu coração, que os judeus são o demônio, quanto acreditam completamente em seu líder” (2015, p. 188). Neste ponto, a categoria da falsidade apresentado por Freud em sua descrição¹⁷ a respeito da hipnose enquanto um jogo cumpre um papel

¹⁶ “Toda a situação pode ser resumida cabalmente numa fórmula: o objeto se colocou no lugar do ideal do Eu.” (FREUD, 2011, p. 72).

¹⁷ “[...] na hipnose, como geralmente é praticada, pode ser mantido o conhecimento de que se trata apenas de um jogo, de uma reprodução falsa de outra situação bem mais importante para a vida.” (FREUD, 2011, p. 76).

fundamental nessa conclusão de artigo de Adorno. Suas indicações apontam que essa “hipnose socializada cria, em si mesma as forças que eliminarão o fantasma da regressão” (ADORNO, 2015, p. 189). A encenação referente a falsa identificação intensificada pela coletivização e por sua consequente institucionalização, do encantamento hipnótico, parece ser capaz, para o autor, de propiciar uma súbita consciência relacionada a essa verdade e, dessa forma, provocar seu colapso.

Em *Antissemitismo e propaganda fascista*, Adorno salienta — de forma preliminar e fragmentária — elementos concernentes ao aspecto psicológico da propaganda fascista. Estes serão desenvolvidos, ulteriormente, em *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (1951) de modo que haja, assim, “uma teoria psicanalítica completa da propaganda antidemocrática” (ADORNO, 2015, p. 137). O artigo em questão foi elaborado em 1946 com base em estudos desenvolvidos tanto por Adorno, quanto por Leo Löwenthal e Paul W. Massing, através do Programa de Pesquisa em Antissemitismo patrocinado pelo Instituto de Pesquisa Social. Estes estudos analisaram propagandas¹⁸ antidemocráticas e antissemitas norte-americanas com ênfase em seu aspecto psicológico, tendo em vista que o material analisado indicou ser “concebido em termos mais psicológicos do que objetivos” (ADORNO, 2015, p. 138). Deste modo, tornou-se evidente para o autor que a propaganda fascista não almejava convencer as pessoas por meio de uma exaustiva apresentação de ideias e argumentos, mas sim por meio da manipulação de mecanismos inconscientes; para tal, os demagogos fascistas empregaram uma série de estímulos psicológicos em seus dispositivos oratórios. Nesse sentido, é necessário elucidar quais são e de que modo esses estímulos revestiram os dispositivos da propaganda fascista de uma irracionalidade que diz respeito a “um tipo de psicotécnica remanescente do efeito calculado, conspícuo na maior parte das apresentações de cultura de massa de hoje, tal como em filmes e transmissões radiofônicas” (ADORNO, 2015, pp. 143-4).

¹⁸ Conforme elucida Adorno, no início do artigo, as amostras propagandísticas analisadas dizem respeito a, principalmente, “transcrições taquigráficas de palestras radiofônicas de alguns agitadores da costa Oeste dos Estados Unidos, panfletos e publicações semanais” (2015, 137).

Em ambos artigos, Adorno evidencia a centralidade da figura do líder na propaganda fascista; para tal, são empregados alguns esquemas de personalização. Isto, não por mero acaso. A construção auto-estilizada da figura do líder desempenha, segundo o autor, um importante papel em relação ao “show” engendrado pela propaganda edificada desta forma. A palavra “show” é utilizada por Adorno para demarcar o caráter performático próprio da propaganda fascista que, segundo ele, opera do mesmo modo que “uma performance do teatro, do esporte e do assim chamado renascimento religioso” (ADORNO, 2015, p. 145). Esse processo de edificação da propaganda visa, em última análise, proporcionar àqueles a quem se direciona um sentimento de gratificação. Nesse sentido, Adorno elabora uma comparação entre a propaganda fascista e o fenômeno social da novela a fim de evidenciar de que modo opera esse mecanismo relacionado a gratificação.

Assim como a dona de casa, que apreciou os sofrimentos e as boas ações de sua heroína favorita durante quinze minutos da transmissão, sente-se impelida a comprar o sabão vendido pelo patrocinador, assim também age o ouvinte da propaganda fascista: após obter prazer com ela, aceita a ideologia representada pelo locutor como forma de gratidão pelo show. (ADORNO, 2015, pp. 144-5).

Deste modo, o líder ajusta seus dispositivos oratórios em relação a seus ouvintes para atingir essa finalidade concernente a gratificação. Conforme constatou Adorno, grande parte dos dispositivos possuem a função de engendrar, em maior ou menor grau, uma identificação entre o líder e seus ouvintes. Para tal, os líderes fascistas apresentam-se como *lobos solitários* que, frequentemente, divulgam intimidades concernentes a sua vida pessoal e, também, demonstram possuir um genuíno interesse relacionado a questões cotidianas de seus ouvintes, “apresentados por eles como cristãos nativos, pobres mas honestos, de bom senso mas não intelectuais” (2015, p. 138). Outro dispositivo que opera, também, favorável ao esquema de personalização diz respeito à ênfase dada pelos líderes “em serem simultaneamente tanto homens pequenos e modestos quanto líderes de grande calibre” (ADORNO, pp. 138-9). Esse dispositivo, edificado através do conceito de *pequeno grande homem*, é desenvolvido com sólida base psicanalítica a partir da hipótese de que sua técnica “está provavelmente relacionada de forma íntima com a substituição de um imaginário paterno por um ego coletivo” (ADORNO, 2015, p. 139). Deste modo, o líder se apresenta como “uma pessoa que sugere tanto

onipotência quanto a ideia de que é apenas mais um do povo, um norte-americano pleno e viril, não maculado por riqueza material ou espiritual” (2015, p. 172). Assim, o líder precisa tanto se parecer com um super-homem¹⁹, tanto como uma pessoa mediana, tal qual Hitler que “posava como um união de King-kong e barbeiro suburbano” (ADORNO, 2015, p. 171). A necessidade de se parecer com uma pessoa mediana é explicada por Adorno através da teoria do narcisismo de Freud, na qual é salientado o crucial papel desempenhado pela similitude de características entre o líder e seus seguidores. A existência de tal similitude permite que os seguidores possam conceber o líder como uma espécie de ampliação de seu eu, pois, há partes de sua libido que permanecem vinculadas ao seu eu de modo que não foram investidas na imagem do líder. Em relação a libido investida na figura do líder, Adorno pontua que o que ocorre, nesse processo, diz respeito a uma abdicação do ideal do eu e a substituição deste por um “ideal de massa incorporado no líder” (ADORNO, 2015, p.171). Dessa forma, a caracterização do líder precisa, necessariamente, estar em consonância com qualidades próprias do sujeito, caso ele queira promover uma identificação e, assim, se beneficiar dos ganhos políticos provenientes desta. A fim de engendrar essa identificação, o líder deve se demonstrar absolutamente narcisista de modo que só “pode ser amado se ele mesmo não amar”, pois, segundo Freud, o amor é um elemento capaz de restringir o narcisismo. Dessa forma, o conteúdo de suas manifestações não devem conter qualquer programa político positivo, apenas ameaças e recusas, a fim de aparentar “ser de natureza dominadora” e “absolutamente narcísico” (ADORNO, 2015, p. 170).

Ainda em relação a similitude entre a mentalidade do líder e as de seus seguidores, é importante salientar que o líder é dotado de um aprendizado que o permite utilizar suas disposições psicológicas para fins adaptados ao princípio de realidade. Isto porque

As condições prevalentes em nossa sociedade tendem a transformar a neurose e até mesmo a loucura moderada em uma mercadoria que o doente pode facilmente vender, bastando que ele descubra que muitos outros têm afinidade com sua própria doença” (ADORNO, 2015, p. 144).

¹⁹ Um super-homem tal qual o de slogans baratos, cuja origem é remontada por Freud ao imaginário arcaico referente ao pai primitivo da horda.

Com isso, o indivíduo, por meio do processo de identificação, fetichiza a realidade e as relações de poder oriundas desta e a elas sucumbe de modo a abdicar de si mesmo, glorificando a liderança, mesmo que essa não apresente ideias ou objetivos concretos. Nesse sentido, a função da propaganda fascista é a de estabelecer um acordo entre suas mentalidades de modo que a similitude seja preservada ao invés de direcionar aos ouvintes ideias e emoções que neles não residem. Há, contudo, um ponto em que o líder se difere de seus seguidores e ele diz respeito a não inibição deste ao se expressar. O líder é capaz de dizer e fazer aquilo que seus seguidores desejam, mas não conseguem ou não se atrevem a fazer, atuando, assim, de forma vicária por eles. É por meio dessa ação invasiva que o líder “viola os tabus que a sociedade de classe média colocou sobre qualquer comportamento expressivo por parte do cidadão normal e realista” (ADORNO, 2015, p. 145).

Para além da personalização, outra característica fundamental da propaganda fascista é a padronização. Os dispositivos empregados foram condensados em fórmulas cuja padronização deriva de razões psicológicas concernentes aos indivíduos a quem se direciona, sendo sua aplicação mecânica um dos aspectos essenciais da propaganda fascista. Essa repetição mecânica de padrões é galgada na utilização de clichês tal como a dicotomia entre amigo e inimigo utilizada para formular ataques difamatórios a judeus, ideias políticas — como o comunismo — e, até mesmo, atitudes e assuntos remotos. É importante salientar, neste ponto, que “a propaganda fascista ataca fantasmas” (ADORNO, 2015, p. 143). Os inimigos contra os quais se direciona não são oponentes reais, mas sim constructos imaginários cuja correspondência com a realidade é nula. Esses ataques cumprem uma importante função em relação à coesão da comunidade fascista, agindo como uma força integradora negativa. Eis o dispositivo *joio e trigo* cuja essência reside, naquilo “que permanece da antiga religião, neutralizado e desprovido de qualquer conteúdo dogmático específico” e que, dessa forma, “é colocado a serviço da atitude ritualística fascista” (2015, p.148). Para Adorno

Freud é bem-sucedido em identificar a função libidinal desse dispositivo, que age como uma força integradora negativa. Dado que a libido positiva é completamente investida na imagem do pai primitivo, o líder, e dado que poucos conteúdos positivos estão disponíveis, é necessário encontrar um negativo. (2015, p. 176)

Atrelado ao dispositivo descrito acima, o *truque da unidade* atua, também, no sentido de coesão na medida em que busca minimizar as diferenças internas da comunidade fascista ao concentrar a hostilidade sobre um grupo externo, eliminando, assim, a intolerância que reside internamente no grupo. Há, nesse ponto, um ganho narcísico oriundo da forma pela qual a propaganda insinua que aqueles que fazem parte da comunidade fascista são melhores que aqueles que não fazem. Em relação a esses indivíduos não abarcados pela dinâmica fascista, outro dispositivo é empregado a fim de que os membros da comunidade fascista não percebam que o igualitarismo que reside no cerne do truque da unidade é repressivo. Conforme salienta Adorno,

Igualitarismo repressivo em vez de realização de verdadeira igualdade através da abolição de repressão é parte e parcela da mentalidade fascista e é refletido no dispositivo “se você soubesse” dos agitadores, que promete a revelação vingativa de toda a sorte de prazeres usufruídos usufruídos por outros. (2015, 178)

Dito isto, é notório que o ritual fascista é repleto de insinuações que, raramente, estão acompanhadas de uma revelação concreta em relação aos fatos aludidos. Isto porque “tanto a lei quanto pelo menos as convenções em vigor proíbem afirmações abertas de caráter pró-nazista ou antissemita” (ADORNO, 2015, p. 149). Deste modo, a veiculação dessas ideias precisa ocorrer por meio de métodos indiretos. Para além da censura política, os objetivos fascistas não são professados abertamente devido à uma tática psicológica cuja finalidade é a de que os líderes consigam, assim, trapacear seus seguidores. A inexistência de um programa político claramente delineado cumpre, na dinâmica fascista, o papel de garantir a regra essencial do totalitarismo no que tange a imposição de limites, de modo “que nada seja garantido, nenhum limite seja imposto à arbitrariedade impiedosa” (ADORNO, 2015, p. 141). Isto porque as forças atuantes do totalitarismo almejam a dominação absoluta e o extermínio completo dos inimigos escolhidos.

O totalitarismo considera as massas não como seres humanos autodeterminados que decidem racionalmente seu próprio destino e que devem, portanto, ser tratados como sujeitos racionais, mas sim que ele os trata como mero objetos de medidas administrativas, ensinados, acima de tudo, a se autoanular e a obedecer ordens. (ADORNO, 2015, p. 142)

Para além disso, a *insinuação* parece cumprir certo papel no que tange a gratificação dos ouvintes. Ao serem tratados como um in-group pelo orador

quando este alude a existência de supostas forças sombrias, rapidamente, os ouvintes as associam aos judeus. Assim sendo, a insinuação opera de modo a confirmar a correspondência de sentimentos e opiniões entre o líder e seus seguidores. A insinuação fascista se alimenta do papel “atribuído por Freud às alusões na inter-relação entre o consciente e o inconsciente” (ADORNO, 2015, p. 150). Para além disso, ao caracterizar a performance fascista como um ritual, Adorno talha a hipótese de que ele opera como a oferta de um sacrifício, através do qual o inimigo escolhido será assassinado de forma sacramental. O desejo por esse assassinato é o cerne da propaganda fascista e o elemento religioso desempenha um importante papel em relação a isso. Adorno aponta que a doutrina cristã foi convertida em slogans violentos através dos quais os agitadores fascistas instigam a redenção das massas por meio do derramamento de sangue, tal como Cristo redimiu, supostamente, o mundo através de seu sangue derramado. A crucificação de Cristo se transformou em um símbolo do holocausto na medida em que o derramamento do sangue de Cristo foi interpretado “em termos de “derramamento de sangue” em geral, tendo em vista uma insurgência política” (ADORNO, 2015, p. 151).

Em geral, Adorno caracteriza a performance da propaganda fascista como um ritual fortemente amparado pelo caráter fictício da oratória do líder. A propaganda fascista não possui qualquer compromisso com a verdade. É sustentada por mentiras cuja função é mobilizar determinados afetos de seus ouvintes a fim de angariar ganhos políticos. Por meio da falácia, o ritual fascista deve ser capaz de revelar a mente daqueles a quem se dirige, pois a pretensão destes é a obtenção de gratificação, não serem convencidos de algo via argumentação racional. Para Adorno, a aceitação de Hitler se deu por meio de seus discursos insinceros recheados de bizarrices baratas cuja explicação reside na evidência de que é falsa a ideia de que “as assim chamadas pessoas comuns tenham uma propensão firme pelo que é genuíno e sincero, e desprezam o que é falso” (2015, p. 145). Deste modo, foi por sua entoação falsa e palhaçadas que Hitler foi aceito, não apesar delas. O que levou Adorno a salientar que a sentimentalidade das pessoas não passa de “uma imitação finida e barata de sentimentos reais frequentemente autoconscientes e com certa autocomplacência” (2015, p.146). Nesse sentido, a gratificação fornecida pela propaganda fascista diz respeito a “uma espécie de redenção

institucionalizada do próprio caráter inarticulado dos ouvintes através da verbosidade do locutor” (ADORNO, 2015, p. 146), através da qual se expressa uma identidade entre o que é dito pelo líder dito e o que é pensado e sentido pelos seguidores, mas não expresso. A fonte da gratificação da propaganda fascista reside na identidade revelada, simbolicamente, por meio da verbalização do líder, por isso, geralmente, eles são dotados de uma compulsão para falar de modo incessante e, também, para enganar os outros; esse caráter oral do líder é, para Adorno, o que o torna capaz de exercer um encantamento em seus seguidores. Por meio de uma linguagem despida de sua significação racional e, assim, capaz de operar de forma mágica no sentido da regressão, os indivíduos são transformados em membros de uma massa. Isso resulta no abandono temporário da seriedade responsável e autônoma do indivíduo, sendo, assim, o critério decisivo do ritual propagandístico, através do qual ocorre uma regressão coletiva via identificação.

Em *Liderança democrática e manipulação de massas*, elaborado em 1951, Adorno, junto de Horkheimer, apresenta uma espécie de manual — ainda em estágio preliminar, amparado no método de tentativa e erro — a respeito dos expedientes²⁰ utilizados pelos agitadores. Este material está, por sua vez, acoplado a uma tentativa de atingir pontos neurais do antidemocratismo, por meio da atuação de uma liderança democrática ideal; para tal é que se busca elucidar quais fatores subjetivos impedem a aceitação da verdade. Adorno, deste modo, nutre a crença de que o manual poderia, por sua vez, auxiliar a catexe negativa dos judeus por meio da elaboração de uma situação psicológica (ADORNO, 2020, n.p.). O manual, de início, procura discriminar as diferenças existentes entre o orador político e os variados tipos de agitadores, propondo, assim, critérios para reconhecer o segundo (ADORNO, 2020, n.p.). Para além disso, discute os expedientes aos quais a técnica dos agitadores pode ser reduzida, e explica como eles trabalham e quais são seus apelos específicos aos ouvintes” (ADORNO, 2020, n.p.). Posto isto, Adorno apresenta dois exemplos das discussões presentes no manual, referentes a dois recursos

²⁰ Estes, segundo o autor, abrigam pretensões abertas e ocultas, valendo-se de mecanismos psicológicos capazes de engendrar respostas aos estímulos padronizados.

discursivos²¹ amplamente empregados por agitadores fascistas: o de *mártir*²² e o de *se vocês soubessem*. O primeiro diz respeito ao interesse do agitador em fazer com que seus ouvintes direcionem um interesse humano para ele de tal modo que não poupa esforços em se portar como um *lobo solitário*²³, ancorado no conceito de *pequeno grande homem*. Para além disso, emprega, constantemente, uma psicologia de consumidores, falando, assim “em termos de venda o tempo todo, mas quer nos fazer crer que não está vendendo nada. (...) Na condição de publicitário espertalhão, explora até mesmo nossa desconfiança na publicidade.” (ADORNO, 2020, n.p.). Por fim, Adorno salienta o papel fundamental, exercido na dinâmica psicológica dos ouvintes, da performance do agitador que, constantemente, é perpassada “por indicações de segredos obscuros, escândalos revoltosos e crimes impronunciáveis”, “ao invés de discutir questões sociais e políticas de maneira objetiva” (ADORNO, 2020, n.p.). A insinuação constante, aliada ao dispositivo *joio e trigo*, “fornece a seus ouvintes a espécie de gratificação que eles costumam obter das colunas de fofoca e páginas de escândalos” (ADORNO, 2020, n.p.). Isto porque,

Os ouvintes são sempre tratados como se fossem pessoas de sua confiança, membros do seu próprio grupo, de modo a que o segredo comum e inexprimível os ligue ainda mais intimamente a ele. Obviamente seus ouvintes jamais ousariam realizar as façanhas que ele atribui aos seus inimigos. Quanto menos eles podem satisfazer seus desejos extravagantes de luxo e prazer, mais furiosos eles se tornam contra aqueles que, segundo fantasiam, usufruem do fruto proibido. Todos querem “punir os bastardos”. Enquanto dá suculentas descrições das orgias de champanhe celebradas pelos políticos de Washington e banqueiros de Wall Street com as dançarinas de Hollywood, ele promete o dia do ajuste de contas, quando, em nome da decência, ele e sua turba celebrarão um bom e honesto banho de sangue. (ADORNO, 2020, n.p.)

²¹ Ambos foram supracitados, de modo difuso, sem sua discriminação lexical tal como feita no manual.

²² “Ele relata-nos que é um homem honesto e independente, que sacrifica tudo à sua causa e vive sob modestas circunstâncias.” (ADORNO, 2020, n.p.).

²³ “Fingir solidão é um modo fácil de capturar nossa simpatia. A vida de hoje é difícil, fria e complicada. Todo o mundo de algum modo é solitário. É isso o que ele explora. Sublinhando seu isolamento, ele parece ser um de nós, alguém que sofre das mesmas causas das quais todos nós sofremos.(...) Ele posa como um ser com tantas necessidades que nos levará a sentir alguma coisa por ele e a sentirmos orgulho disso. Na realidade, somos pobres ovelhas. Enquanto ele tenta cortejar nossa vaidade, sugerindo que tudo depende de irmos em sua ajuda, ele realmente só quer nos tornar seus seguidores, esses homens que só dizem sim e que agem automaticamente de acordo com suas ordens.” (ADORNO, 2020, n.p.).

Capítulo 3

Da liderança verdadeiramente democrática e vacinas contra o antidemocratismo

Em *Liderança democrática e manipulação de massas*²⁴, tal como em *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (1951), Adorno dialoga com trabalhos já desenvolvidos pelo Instituto, em solo norte-americano, em busca de propor, com base em seus resultados, a elaboração de “vacinas contra a doutrinação antidemocrática” (ADORNO, 2020, n.p). Trabalhos, tais como *Anti-semitism and Fascist Propaganda*²⁵ (1946) e *Prophets of Deceit*²⁶ (1949), são referidos por Adorno de modo que esteja, assim, evidente a compreensão talhada a partir de seus resultados no que diz respeito à relação entre os estímulos engendrados pelas técnicas dos agitadores fascistas e a suscetibilidade desses em relação aos seus ouvintes. Conforme cita, brevemente, Adorno, esses trabalhos identificaram, cada qual a sua maneira, que as técnicas propagandísticas empregadas pelos agitadores estavam circunscritas em um modelo no qual a padronização discursiva, repleta de uma incessante repetição, advinha de uma base puramente psicológica. O autor salienta, ainda, que esses trabalhos evidenciaram que o sentido subjacente a superfície discursiva desses agitadores está ancorado nos desejos secretos de sua audiência, que anseia por destruição²⁷. Assim, os agitadores, pretensos Führer²⁸, criam, por meio de seus discursos, uma atmosfera favorável para implementação de seus programas políticos — cuja constituição está fortemente amparada em elementos negativos, geralmente, voltados contra

²⁴ O artigo foi elaborado em 1951 e reproduzido no vigésimo volume da revista *Gesammelte Schriften*, em 1985, conforme consta no início da tradução consultada.

²⁵ Neste artigo, Adorno salienta, de forma preliminar e fragmentária, elementos concernentes ao aspecto psicológico da propaganda fascista. Estes serão desenvolvidos, ulteriormente, em *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*.

²⁶ Este trabalho, por sua vez, examinou os recursos utilizados pelos demagogos norte-americanos para provocar determinadas reações em sua audiência de modo a transformá-la, assim, em “multidões tendentes a violência sem nenhum fim político sensato” (ADORNO, 2015, p. 154). Segundo Jay, os autores responsáveis pelo seu desenvolvimento salientaram que a linguagem empregada por esses demagogos, frequentemente referidos como agitadores fascistas por Adorno, “tinha de ser decifrada por uma espécie de código Morse psicológico. Como se poderia esperar, a principal fonte desse código era a psicanálise” (2008, p. 301-2).

²⁷ “A promessa expressa pela oratória fascista nada mais é do que a própria destruição” (ADORNO, 2015, p. 152).

²⁸ Adorno salienta que as técnicas de Hitler são reproduzidas por seus imitadores norte-americanos.

inimigos eleitos, ao invés de elementos positivos capazes de delinear um programa político sensato. Nesse sentido, os conteúdos ideacionais, dos quais discursos e panfletos são revestidos, estão circunscritos em um número pequeno de estímulos aplicados, mecanicamente; surpreendente, a repetição destes, ao invés de aborrecer as massas, as atrai, de modo peculiar, semelhante à forma pela qual as crianças desfrutam de repetições literais em histórias e canções.

Para além dos trabalhos supracitados, Adorno salienta que o problema concernente a suscetibilidade subjetiva ao antidemocratismo, foi examinado por um projeto de pesquisa cujos resultados estão condensados na obra *The authoritarian personality*²⁹(1950). Brevemente, Adorno expõe que o principal foco, sobre qual incide o estudo, diz respeito a possível conexão existente entre traços psicológicos e atitudes sociais, bem como ideologias políticas e econômicas. Deste modo, o estudo forneceu evidências de que existem personalidades em consonância com os princípios democráticos, bem como existem, também, personalidades autoritárias e antidemocráticas, de modo a constatar, assim, que existe um caráter fascista, já citado em *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*. Conforme expõe Adorno, o núcleo desse caráter seria revestido pela síndrome do autoritarismo que “combina adulação e subserviência aos fortes com agressividade sádica contra os fracos” (2020, n.p.). Para além disso, o estudo evidenciou que o caráter fascista está mais atrelado a atitudes discriminatórias e contrárias às minorias do que atrelado às ideologias políticas professadas abertamente. Sendo assim, a suscetibilidade a estímulos fascistas se estabelece, primeiramente, no plano psicológico, e não emerge, necessariamente, através do credo superficial dos sujeitos. Nesse sentido, o autor conclui que os resultados dos trabalhos supracitados corroboram “a hipótese teórica de que existe uma afinidade muito íntima entre o sentido dos expedientes político-psicológicos do fascismo e a estrutura caracteriológica e ideológica daqueles a quem se dirige sua propaganda” (ADORNO, 2020, n.p.).

²⁹ Segundo Jay, trata-se do volume mais importante entre os cinco volumes de *Estudos sobre o preconceito*, desenvolvido pelo Instituto graças ao financiamento da Comissão Judaica Norte-Americana. Nele, consta que seu objetivo fundamental almejava explorar a personalidade autoritária como um novo tipo antropológico (JAY, 2008, p. 303).

Conforme evidencia o autor, para a personalidade fascista “o indivíduo é mero espécime de seu tipo” (2020, n.p.p). Assim, a repetição se harmoniza com a compulsiva inclinação dessa personalidade em pensar por meio de estereótipos rígidos; é por meio dessa inclinação que emerge a divisão fixa entre “nós e “eles” própria do agrupamento fascista. O compasso moral dessa personalidade possui dois gumes de modo que todos aqueles pertencentes ao grupo são “o tipo certo de gente” (2020, n.p.p), enquanto tudo que é externo a ele é visto como estranho e, conseqüentemente, visto com suspeita a ponto de ser rejeitado. Com isso, o agitador, tal como seus seguidores, não reconhecem deveres morais para com os outros, apesar de uma total lealdade ser exigida em relação às pessoas constituintes do grupo. Nele, a função do agitador perpassa por distinguir aqueles que devem ser salvos daqueles que devem morrer, sendo, assim, condenados a priori, tal como os judeus. Adorno aborda, ainda, outro elemento dessa personalidade, o falso conservadorismo. Para o autor, este elemento está presente de modo semelhante nos agitadores, de modo a concluir que estes, muito provavelmente, tendem a possuir o caráter fascista. Assim, por meio da psicanálise seria possível, conforme salienta Adorno, evidenciar o consenso existente entre o caráter fascista e os agitadores no que tange ao seu falso conservadorismo. Apesar de ambos sublinharem o positivo, expresso na ordem conservadora das coisas, e condenarem, por conseguinte, atitudes críticas por seu suposto potencial destrutivo, objetivamente, parecem preferir as ruínas do que a ordem vigente, na qual dissimulam acreditar. Desse modo, Adorno conclui que “ele se considera conservador mas seu conservadorismo é uma impostura” (ADORNO, 2020, n.p.).

Posto isto, Adorno principia o artigo tensionando a clássica concepção rousseauiana, fundante da democracia moderna, a face da moderna sociedade de massas. Da constelação de conceitos circunscritos nessa concepção, Adorno evidencia o de liderança para desenvolver sua análise a respeito da degeneração de seu propósito democrático. Esta, por sua vez, constatou que líderes, tais como Hitler e Mussolini, eram os últimos beneficiários de “mudanças societárias ocorridas dentro da estrutura da liderança” (ADORNO, 2020, n.p.). Ao invés de falar e agir em prol do povo, de modo a guiá-lo por meio da argumentação racional, conforme escreveu

Rousseau, “a liderança tornou-se em si mesma cada vez mais rígida e autônoma, perdendo, na grande maioria das vezes, contato com as pessoas.” (ADORNO, 2020, n.p.). Neste ponto, Adorno se ampara, brevemente, em contribuições talhadas por Robert Michel no tocante aos partidos políticos; segundo sua obra *Sociologia dos partidos políticos*, a realidade pouco tinha a ver com aquilo que Rousseau esperava ao elaborar suas normas para a livre associação entre os homens e para entidade que dela emerge, o Estado. Com base nisso, o desvanecimento do funcionamento democrático da liderança foi atribuído pelo autor a fatores tais como “o enorme crescimento numérico dos partidos modernos, sua dependência a concentradíssimos interesses disfarçados e, enfim, à sua própria institucionalização” (ADORNO, 2020, n.p.). Desse modo, “a interação entre partido e liderança tornou-se mais e mais limitada a manifestações abstratas da vontade da maioria através de votações e, os mecanismos dessa últimas, em grande parte sujeitos ao controle das lideranças estabelecidas” (ADORNO, 2020, n.p.). Consequentemente, o poder passou a ser controlado por uns poucos de modo a revelar certos traços autoritários latentes nas democracias modernas; o impacto da liderança nas massas não era, conforme pressuposto, até então, de todo racional. Assim, Adorno consente com a observação, comumente feita, de que a democracia fomenta, em seu seio, movimentos e forças antidemocráticas. Segundo o autor, em *Psicologia das massas e análise do eu*

Freud descreveu as organizações hierárquicas, como exércitos e igrejas, em termos de mecanismos de identificação e introjeção autoritários que podem se impor sobre grande número de pessoas, sem exceção dos grupos cuja essência é o anti-autoritarismo, como são, antes de mais nada, os partidos políticos. Embora aparentemente distante agora, esse perigo é a contrapartida dos procedimentos com os quais uma liderança procura se autoperpetuar. (ADORNO, 2020, n.p.)

Segundo o autor, as mudanças concernentes à estrutura da liderança afetam, também, as massas, na medida em que estas, ao se desiludirem com os processos democráticos, no que tange a sua autenticidade e efetividade, são tomadas por uma sensação de impotência de modo a entregarem sua autodeterminação democrática nas mãos daqueles considerados poderosos — os líderes. Já é sabido, há muito, conforme suscita o autor, a respeito da poderosa influência exercida por figuras demagógica e instituições sobre os

indivíduos, a ponto de fomentar nestes uma contrariedade dos princípios democráticos e, atrelado a ele, dos interesses racionais pautados na autoconservação. Nesse sentido, Adorno aponta para a urgente necessidade em atribuir sentido substancial a democracia e, também, a liderança nela circunscrita, de modo que, assim, não sejam meros disfarces lexicais para encobrirem situações opostas em relação àquelas indicadas pelo seu significado, de início. Para o autor, a aplicação da democracia em seu aspecto meramente formal poderia, então, culminar em sua perversão e, conseqüentemente, em sua abolição. Portanto, não se deve “aceitar a vontade da democracia per se, sem considerar o conteúdo das decisões democráticas” (ADORNO, 2020, n.p.).

Posto isto, Adorno passa a formular quais tarefas cabem a liderança verdadeiramente democrática, conferindo a ela a função de conscientizar os sujeitos de suas necessidades e desejos de modo que, assim, sejam capazes de se contraporem as ideologias veiculadas pelos canais de comunicação, cujos interesses permanecem disfarçados. Para o autor, é preciso que as pessoas compreendam que a violação dos princípios democráticos infere, diretamente, na violação de seus próprios direitos, transformando-as, assim, em objetos de manobras políticas, ao invés de sujeitos autodeterminados. E é precisamente isso que a liderança promovida pela moderna sociedade de massa gera ao fortalecer “uma transferência irracional ou identificação inconciliáveis com a autonomia intelectual, núcleo do ideal democrático” (ADORNO, 2020, n.p.). À vista disso, Adorno concebe que a verdadeira liderança democrática não deve se valer de meios irracionais para influenciar as massas de modo a transformar “os sujeitos da ação política e social como meros objetos a quem uma ideia é vendida” (ADORNO, 2020, n.p.), gerando, assim, uma inconsistência entre meios e fins, capaz de destruir as convicções a respeito do processo democrático. Para o autor, o esclarecimento democrático é que deve nortear a liderança democrática de modo nessa empreitada. A liderança democrática deve, assim, “superar o espírito da propaganda através da adesão ao princípio da verdade” (ADORNO, 2020, n.p.). A abordagem capaz de superar tal espírito deve estar amparada, por sua vez, em um profundo conhecimento a respeito dos estímulos antidemocráticos, para que, assim, os esforços da liderança democrática possam convergir nos

“pontos onde as disposições subjetivas e os estímulos antidemocráticos coincidem” (2020, n.p.). Para o autor, é preciso conhecer tanto a natureza desses estímulos, como seu conteúdo visando, sobretudo, localizar em quais áreas seus efeitos estão concentrados, de modo mais contundente; segundo Adorno, essas áreas dizem respeito ao ódio racial, expresso, de modo particular, no totalitarismo anti-semita. Neste ponto, Adorno salienta que

Existem poucas áreas em que o caráter manipulatório do antidemocratismos é mais revelador do que aqui. Simultaneamente, porém, acontece dele se nutrir de tradições arcaicas e fortes fontes emocionais. Os demagogos fascistas normalmente chegam ao pico de suas performances quando mencionam e rebaixam os judeus. Esse é um fato indiscutível, que sempre ocorre em toda a forma de anti-semitismo e que, como tal, é indicativo da existência de certos desejos mais ou menos articulados de destruição da própria democracia, na medida em que não há democracia sem o princípio da igualdade humana. (ADORNO, 2020, n.p)

A problemática referente a essa tentativa, segundo Adorno, reside na dificuldade de se renunciar a propaganda tendo em vista que a mesma é “fortemente libidinosa” sendo “em si mesma uma fonte de gratificação” (ADORNO, 2020, n.p.). Isso porque,

Enquanto o princípio de verdade e seus processos intrinsecamente racionais exigem um certo esforço intelectual que provavelmente não atrairá muitos amigos, a propaganda em geral, e a fascista em particular, estão inteiramente adaptadas à chamada linha de menor resistência. (ADORNO, 2020, n.p.)

Adorno aponta, assim, para a necessária reformulação do princípio da verdade e, para tal, estipula duas tarefas a serem cumpridas. Primeiro, seria necessário “descobrir uma abordagem que não faça a menor concessão àquelas aberrações que são quase inevitáveis, sempre que as comunicações são adaptadas a seus consumidores potenciais” (ADORNO, 2020, n.p.). Posterior a isso, seria preciso ultrapassar aquilo condicionado na mente das massas de modo a criar barreiras de inércia, resistências³⁰ e padrões comportamentais. Isso porque “o argumento³¹ segundo o qual as pessoas têm de ser tomadas como de fato são é apenas uma meia-verdade” haja visto “o

³⁰ A resistência foi considerada por Freud como “um sintoma do que estaria recalcado” (ROUDINESCO; PLON; 1998, p. 659). O recalque, por sua vez, diz respeito ao “processo que visa manter no inconsciente todas ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud (...) considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.647).

³¹ A fim de angariar o apoio das massas, Hitler argumentava que era preciso tomar as pessoas por aquilo que são, ao invés do se deseja que fossem

potencial de autonomia e espontaneidade das massas” (ADORNO, 2020, n.p.).

Para Adorno,

É impossível dizer se o tipo de abordagem proposto aqui eventualmente terá sucesso, e a razão por que ele jamais foi testado em larga escala deve ser procurada no próprio sistema [social] dominante. A despeito disso, é essencial que ele deva ser testado. (ADORNO, 2020, n.p.)

Assim, a comunicação da liderança democrática deveria propiciar a “superação dos fatores objetivos que tornam a verdade inaceitável” (ADORNO, 2020, n.p.) e, para tal, é preciso que haja, por parte da mesma, um comprometimento para com a verdade. Para o autor, “o elemento irracional deve ser atacado com e pelo esclarecimento” (2020, n.p.), ao invés de aceito como dado e, assim, passível de ser utilizado. Nesse sentido, é preciso promover, em relação às disposições irracionais, o discernimento capaz de propiciar a efetivação de um “julgamento racional e autônomo” (ADORNO, 2020, n.p.). Para tal, é essencial que haja uma auto-reflexão de forma que seja, assim, possível causar sérias fissuras na íntima relação que a falta de introspecção tem com a ideologia antidemocrática. A liderança deve, então, difundir a verdade apostando no potencial de autonomia e espontaneidade das massas de modo que, assim, consiga ultrapassar as disposições irracionais que as aproximam de lideranças, que em nada podem satisfazê-las, para além de dizer que sejam ouvir, sem nenhum compromisso com a verdade. Adorno salienta, ainda, que a técnica da mentira, empregada pelos agitadores, pode guiar a forma pela qual o princípio da verdade pode ser posto em prática, de modo a reduzir a eficácia da manipulação, bem como fornecer as características psicológicas que dificultam a aceitabilidade da verdade por um grande número de pessoas.

A partir dessas considerações, Adorno acredita, então, ser viável elaborar “vacinas contra a doutrinação antidemocrática” (ADORNO, 2020, n.p.) — possibilitadas por meio do conhecimento dos expedientes dos agitadores fascistas. Essas vacinas, segundo o autor, são mais poderosas que a mera denúncia da inverdade³² constituinte das proposições dos agitadores. A

³² Adorno sublinha que, diante o controle exercido pela cultura de massa, pode soar um tanto quanto ingênuo e idealista conceber que a tomada de consciência se dará pela mera entrega dos fatos às massas. Isto porque, estas estão condicionadas aos poderes existentes de tal modo que, por vezes, portam-se de maneira diferente diante pressões propagandísticas, caso

liderança democrática deve, nesse sentido, induzir os chamados “efeitos de alavanca” na dinâmica psicológica de modo a se amparar “nas fontes de verdade objetiva e do interesse racional” (ADORNO, 2020, n.p.), para tal. Adorno salienta que a ênfase da abordagem paira, sobretudo em um plano psicológico, e, como em vários momentos do artigo, salienta ser preciso mantê-la num domínio racional de modo a não tocar o domínio inconsciente dos sujeitos, apesar de conferir, também, disposições irracionais ao objeto de estudo. Para o autor, controle do Eu é, assim, fortalecido mesmo se o Eu não é tocado, conforme sugestiona. O efeito alavanca estaria, conforme salienta Adorno, alicerçado no choque a ser causado nos sujeitos ao serem apresentados a ideia de que “as metas políticas escondem muito dos interesses daqueles que os defendem” e que “as próprias decisões políticas depende em grande parte de fatores subjetivos sobre os quais nem mesmo pode-se estar atento” (ADORNO, 2020, n.p.). Importa acentuar que a abordagem proposta não prevê como um de seus efeitos maiores a reorganização do inconsciente dos indivíduos aos quais se direciona; a abordagem em questão pretende, por sua vez, revelar a problemática que reside na ideologia constituinte desses sujeitos. Essa abordagem aposta na “possibilidade de revelar aos sujeitos seu antissemitismo pelo que ele é: seu próprio problema interno” (ADORNO, 2020, n.p.). Assim sendo, por meio do efeito alavanca, se objetiva a “transição da atitude ingênua para a reflexiva” (ADORNO, 2020, n.p.), pois, assim, na concepção do autor, haveria um enfraquecimento da violência. Isto porque a pessoa que percebe o antissemitismo como um problema ou, ainda mais, que ser um antissemita é um problema, provavelmente, será menos fanática que alguém que engole a isca do preconceito. O autor, contudo, admite que “o discernimento abstrato das próprias irracionalidades por parte desses sujeitos, privados da penetração de suas motivações reais, não funciona de maneira catártica³³” (ADORNO,

esteja em jogo questões relevantes para seu dinamismo psíquico, como no caso da propaganda fascista.

³³ Em Freud, o método catártico diz respeito ao “procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados.” (ROUDINESCO; PLON; 1998, p. 107). Roudinesco e Plon salientam, ainda, que “na história da psicanálise, o método catártico deriva do campo do hipnotismo. Foi ao se desligar progressivamente da prática da hipnose, entre 1880 e 1895, que Freud passou pela catarse, para inventar o método psicanalítico propriamente dito, baseado na associação livre, ou seja, na fala e na linguagem.” (1998, p. 108).

2020, n.p.). Isto porque ao decorrer dos estudos desenvolvidos pelo Instituto, notou-se a manutenção da síndrome do autoritarismo por parte de sujeitos que admitiram que não deveriam ser preconceituosos, possuindo, até mesmo, conhecimento do que, possivelmente, os tornam o que são. Com isso, é preciso que não se subestime a função desempenhada pelo preconceito no domínio psicológico dos indivíduos, tampouco a força de resistência que a integra.

Antes de focalizar a respeito da função do preconceito, é válido salientar que Adorno se mostra ciente em relação às objeções que, possivelmente, serão edificadas em relação à abordagem proposta, sendo elas tanto em termos políticos, quanto psicológicos. Segundo o autor, a objeção em termos psicológicos, poderia se edificar por meio da argumentação de que “os interesses de poder existentes por trás do reacionarismo contemporâneo são muito mais fortes de serem vencidos do que qualquer “mudança de pensamento”” (ADORNO, 2020, n.p.). Também, pode ser dito que os movimentos políticos de massa modernos parecem ter um momento sociológico próprio, no qual são completamente impermeáveis aos métodos introspectivos. Em relação à primeira objeção, Adorno salienta que a análise concernente à relação entre líder e massa não basta para contestá-la, totalmente. A objeção em questão deve estar circunscrita às “constelações existentes dentro do campo do poder político” (ADORNO, 2020, n.p.). Em relação à segunda objeção, Adorno aponta que ela “tende a subestimar o elemento subjetivo ao desenvolvimento social e a fetichizar a tendência objetiva” (ADORNO, 2020, n.p.); para o autor, o “o momento sociológico não pode ser hipostasiado” (2020, n.p.), isto é, ser atribuído a ele o estatuto de realidade absoluta, como se todos os movimentos de massa da modernidade estivessem imersos em uma forte contrariedade a introspecção. Ainda em relação à abordagem proposta, o autor apresenta a argumentação referente à impossibilidade de antecipação em relação aos possíveis efeitos profundos oriundos da vacinação. Adorno ressalta que “a hipótese sobre a existência de uma mentalidade de grupo é quase toda mitológica” (ADORNO, 2020, n.p.), isto é, não possui existência tal qual entidades que operam independentes em relação a dinâmica psicológica. Segundo o autor, “Freud assinalou muito convencimento que as forças que servem como cimento irracional dos grupos

sociais (...) funcionam realmente dentro de cada indivíduo” (ADORNO, 2020, n.p.). Por fim, Adorno acredita que as limitações da abordagem proposta não deveriam servir para desencorajar sua feitura.

Dito isto, cabe analisar o papel do preconceito nessa dinâmica. Para Adorno, “o antissemitismo tem muito pouco a ver com os judeus” (ADORNO, 2020, n.p.), sendo assim, “a fixação do indivíduo preconceituoso sobre seus objetos de preconceito não deveria ser enfatizada” (ADORNO, 2020, n.p.). Posto isto, não quer dizer que há dúvida, por parte do autor, enquanto a rigidez do preconceito. É sabido que existem “certos pontos cegos que não são acessíveis à dialética da experiência” (ADORNO, 2020, n.p.). Assim, Adorno salienta que “empiricamente aqueles que são rigidamente preconceituosos revelam uma certa mobilidade em relação à escolha do seu objeto de ódio” (ADORNO, 2020, n.p.). Em nota, o autor constata que sempre foi de fácil feitura para a propaganda nazista desviar os sentimentos da massa de um objeto de ódio para outro. Em *Elementos do antissemitismo*, discorre, juntamente de Horkheimer, a respeito da rigidez e mobilidade do preconceito. Essa constatação a respeito da mobilidade do preconceito emergiu do Projeto de Pesquisa a respeito da discriminação social, *Estudos sobre o preconceito*. Por meio deste, ficou evidente que pessoas que possuem a síndrome de caráter fascista podem, eventualmente, substituir seu ódio pelos judeus por algum outro grupo. Isto porque, a urgência instintiva desses indivíduos é tão forte, tal como sua relação para o objeto, que “o mecanismo projetivo³⁴ ao qual o indivíduo se encontra sujeito pode ser desviado de acordo com o princípio de menor resistência e as oportunidades oferecidas pela situação em que ele se encontra” (ADORNO, 2020, n.p.). Sendo, assim, a escolha objetual casual, arbitrária e débil, é possível que dela emergja, então, uma força capaz de propiciar que os indivíduos preconceituosos duvidem de sua própria ideologia antissemita. Nesse sentido, é preciso explicitar para eles que aquilo que odeiam é, na verdade, menos importante do que o fato de que odeiam a algo. Talvez, dessa forma, “seus egos poderiam deixar de lado o ódio e, por aí,

³⁴ “Termo utilizado por Sigmund Freud a partir de 1895, essencialmente para definir o mecanismo da paranóia, porém mais tarde retomado por todas as escolas psicanalíticas para designar um modo de defesa primário, comum à psicose, à neurose e à perversão, pelo qual o sujeito projeta num outro sujeito ou num objeto de desejos que provém dele, mas cuja origem ele desconhece, atribuindo-os a uma alteridade que lhe é externa” (p. 603).

poderia ser que a intensidade de sua agressividade diminuísse” (ADORNO, 2020, n.p.).

Segundo Adorno, o preconceito cumpre muitas funções na dinâmica psicológica dos indivíduos, sendo elas “desde uma pseudo-intelectual, o fornecimento de fórmulas fáceis e uniformes para a explicação de todo o mal que existe no mundo, até a criação de um objeto para catexa negativa, de um catalisador da agressividade” (ADORNO, 2020, n.p.). Sendo assim, a intenção da abordagem proposta visa utilizar a mobilidade do preconceito para que, assim, seja possível dominá-lo. A indignação das pessoas preconceituosas, comumente direcionadas a seus objetos de ódio, deveria ser direcionada ao objeto que, de fato, merece — a saber, o líder. Segundo Adorno, a indignação, nesse caso, deveria se voltar contra os expedientes empregados pelos agitadores e contra a manipulação por eles engendrada. Por meio das explicações³⁵ desenvolvidas a respeito dos expedientes dos agitadores, Adorno acredita ser possível fazer com que esses sujeitos tenham ciência dos truques insinceros que constituem o cerne da propaganda fascista, ou seja, de sua manipulação. Adorno acredita, ainda, que as forças de resistência psicológica, no que tange a falsidade objetiva da propaganda fascista, podem operar mais em prol da contrariedade ao antidemocratismo do que, necessariamente, contra o esclarecimento democrático. Isto porque “ninguém e menos ainda a personalidade potencialmente fascista, deseja ser tratado como trouxa” (ADORNO, 2020, n.p.); e é isso que faz o agitador enquanto, clinicamente, relata as suas audiências que são feitas de trouxa por outros agentes que não ele.

As considerações psicológicas que conferem a abordagem proposta algumas das diretrizes supracitadas dizem respeito a ambiguidade presente na formação reativa³⁶ de pessoas preconceituosas. A pessoa preconceituosa sustenta a defesa contra a introspecção por medo de que esta possa proporcionar a ela experiências desagradáveis referentes a um possível lado mau, que pode a constituir. Essa fuga, contudo, não a exime de sofrer, pois os

³⁵ Adorno, junto de Horkheimer, elaborou uma espécie de manual contendo esses elementos. Para Adorno, esse manual poderia auxiliar a catexa negativa dos judeus por meio da elaboração de uma situação psicológica que a subjaz (ADORNO, 2020, n.p.).

³⁶ Segundo Adorno, os estudos clínicos indicam que a relutância contra a introspecção e a incapacidade bem delineada de conferir culpa a si, ou aos quais se identificam, edificam essa formação reativa.

conflitos subjacentes a sua personalidade produzem sofrimento, apesar dessa tentativa de fuga por meio de mecanismos de defesa. Assim, ela busca “algum tipo de alívio da hipótese de vir a se conhecer melhor do que ele o faz normalmente” (ADORNO, 2020, n.p.). Todavia, essa hipótese está amparada em expressões, um tanto quanto distorcidas e externas, de seu desejo de autoconsciência. Essa distorção, por sua vez, abre caminho para que seja atribuído a charlatões, tais como astrólogos e colunistas de relações humanas, o poder de direcionarem as pessoas. Dessa forma, formula que entrevistas psicológicas poderiam subsidiar a essas pessoas o alívio pelo qual buscam para além de propiciar uma “experiência surpresa” (ADORNO, 2020, n.p.), cuja base está ancorada no prazer narcisístico engendrado por situações em que é conferida importância a pessoas sobre a qual o foco incide. Para o autor, a gratificação advinda dessas entrevistas remetem, também, a um desejo latente pela verdade.

Por fim, Adorno pontua que “embora sendo superajustado ao mundo externo, a pessoa preconceituosa se sente insegura em nível mais profundo” (ADORNO, 2020, n.p.). Segundo o autor,

O papel da insegurança como motivador do preconceito foi sublinhado por vários estudos e comentado conclusivamente no estudo *The Anatomy of Prejudice*, de Bettelheim e Shils. Deveria ser notado que a insegurança econômica, que tão grande papel joga na formação das ideologias anti-minorias, parece ser inseparavelmente interligado a uma outra, psicológica, que se baseia na má resolução do Complexo de Édipo, isto é, do antagonismo reprimido contra o pai. A interconexão entre as motivações econômica e psicológica ainda precisa de maior clarificação. (2020, n.p.)

Em suma, caso esteja correta a hipótese referente à existência harmônica de um potencial, do qual emerge o caráter fascista, e os expedientes empregados pelos agitadores fascistas, é certo que não há como esperar que o desmascaramento proposto altere as atitudes dos ouvintes, de modo substancial. Isso porque estão são, ao que tudo indica, reproduzidas por meio do lenga-lenga dos agitadores, ao invés de fabricadas por eles. Mas, é possível reduzir, conforme salienta Adorno, sua agressividade. A respeito do método apresentado, referente a indução responsável capaz de levar as pessoas a refletirem sobre suas atitudes e opiniões, não abandona o princípio da verdade, mas sim acopla a ele a chance de atingir pontos neurais do antidemocratismo. Para tal é que se busca elucidar quais fatores subjetivos

impedem a aceitação da verdade. Os constantes absurdos proferidos pelos agitadores são desfrutados pela audiência que o percebe enquanto tal, de alguma forma. Sendo assim, o ponto crítico de ataques ao qual a liderança democrática deve ser direcionar diz respeito a fúria cega dirigida contra a própria verdade. Adorno aponta, em geral, para a possibilidade de que diante a revelação de uma exploração psicológica, engendrada a partir da exploração de uma determinada área, a força desta pode retornar como um bumerangue contra quem a efetiva. Neste ponto, o autor confere mais uma vez, importância a impostura na medida em que esta não satisfaz a busca genuína por amor daqueles que se identificam com esses agitadores; esta busca pode, na perspectiva do autor, engendrar uma forma de contrapor, por fim, a exploração psicológica.

Capítulo 4

A personalidade autoritária

4.1 Situando *The authoritarian personality* na produção do Instituto

De início, é preciso evidenciar que os estudos acerca da cultura de massas coadunaram-se com aqueles relacionados ao potencial autoritário, presente na atmosfera norte-americana, sobretudo, na década de 40. Estes, tanto para Adorno, como para os demais membros do Instituto, deveriam ancorar a mediação entre cultura e política, em termos psicossociais. Neste ponto, cabe salientar que tais estudos, cuja forma primordial assumida foi a de análises psicológicas, foram edificados levando em consideração os pressupostos base da teoria crítica — raramente compreendidos por comentaristas norte-americanos, sendo, assim, “comumente entendidos como estritamente psicológicos” (JAY, 2008, p. 279). Conforme evidencia Jay,

A despeito de usar técnicas empíricas e estatísticas norte-americanas, o Institut não havia abandonado a metodologia da teoria crítica. Em geral, continuou fiel aos dogmas dessa metodologia, tal como resumidos em “Teoria tradicional e teoria crítica”, mas com a importante ressalva de que a práxis deixou de ser enfatizada como base de verificação da teoria. Mas a crítica do Institut ao modelo hipótese-verificação-conclusão em pesquisas sociais continuou em vigor. A indução³⁷ tal como normalmente compreendida, não era aceitável (2008, p. 304).

No *Prefácio*³⁸ de *The authoritarian personality*, Horkheimer pontua que o propósito da obra é abordar o problema concernente ao chamado tipo autoritário de homem, com base em meios psicossociológicos de pesquisas, a fim de contribuir para a superação da ameaça por ele provocada. Neste ponto, é preciso que tenhamos ciência de que a obra em questão é parte do grandioso empreendimento teórico do Instituto, e de suas parcerias, denominado *Estudos sobre o preconceito*. Em 1942, a Comissão Judaica Norte-Americana demonstrou interesse pelo projeto de pesquisa a respeito do

³⁷ “As categorias têm de ser formadas por um processo de indução que é o inverso do método indutivo tradicional, que verifica suas hipóteses pela compilação de experiências individuais, até elas atingirem o peso de leis universais. Na teoria social, ao contrário, a indução deve buscar o universal no particular, não acima ou além dele. Em vez de se deslocar de um particular para outro, e depois para os píncaros da abstração, deve mergulhar cada vez mais fundo no particular e descobrir a lei universal que existe nele.” (HORKHEIMER, 1941, p. 123 apud JAY, 2008, p. 304).

³⁸ Consultamos a versão em inglês disponibilizada virtualmente pela Comissão Judaica Norte-Americana.

antisemitismo desenvolvido pelo Instituto já em 1939 “na esperança de impedir que acontecesse nos Estados Unidos o que estava em curso na Europa” (JAY, 2008, p. 283). É desta parceria que emergem os *Estudos sobre o preconceito* sendo, por sua vez, um trabalho que viria a “empregar uma multiplicidade de abordagens metodológicas no estudo do preconceito social” (JAY, 2008, p. 283). Em geral, “o objetivo do projeto foi expor a dinâmica psicológica que se expressava, na superfície, em uma ideologia preconceituosa ou indicava o potencial para sua adoção” (JAY, 2008, p. 305). Para tal, emerge o ganho metodológico mais evidente do projeto, nas palavras de Jay, sendo a criação de um dispositivo de mensuração do potencial autoritário “por trás do nível da ideologia consciente” (2008, p. 315) capaz de “medir tendências na personalidade subconsciente” (2008, p. 314) — a Escala F. Ela, por sua vez, emergiu da “condensação das escalas originais, referente à atitudes, em um só conjunto de perguntas” (JAY, 2008, p. 306). Essa escala testou variáveis básicas de personalidade, sendo elas referentes ao

a. *Convencionalismo*. Adesão Rígida a valores tradicionais. b. *Submissão autoritária*. Atitude submissa, acrítica a autoridades morais idealizadas do *ingroup*. c. *Adesão autoritária*. Tendência a vigiar e condenar, rejeitar e punir pessoas que violam valores convencionais. d. *Anti-intracção*. Oposição ao subjetivo, ao imaginativo, a um espírito compassivo. Superstição e estereotipia. A crença em determinantes místicos do destino individual; a disposição a pensar por meio de categorias rígidas. f. *Poder e “dureza” [toughness]*. Preocupação com a dimensão de dominação-submissão, forte-fraco, líder-seguidor; identificação com figuras de poder; ênfase excessiva nos atributos convencionais do eu; asserção exagerada de força e dureza. g. *Destrutividade e cinismo*. Hostilidade generalizada, desprezo pelo humano. h. *Projetividade*. A disposição para acreditar em coisas trespoucas [wild] e perigosas acontecem no mundo; a projeção para fora de impulsos emocionais inconscientes. i. *Sexo*. preocupação exagerada com “eventos sexuais” (ADORNO, 2019, p. 135, grifo do autor).

A posição de cada sujeito nas variáveis supracitadas foi revelada por meio de perguntas indiretas, ou seja, em momento algum, houve a menção direta a qualquer grupo minoritário (JAY, 2008, p. 307). Aqueles responsáveis pela feitura das entrevistas “partiram de perguntas específicas em seis áreas gerais — profissão, renda, religião, dados clínicos, políticas e minorias, e “raça — e continuaram a fazer abordagens indiretas até julgarem que as perguntas tinham sido respondidas” (JAY, 2008, p. 308). Deste modo, chegou-se a formulação do caráter autoritário, cujas características elencadas dizem respeito a

Sujeição mecânica aos valores convencionais, submissão cega à autoridade, aliada a um ódio cego a todos os oponentes e pessoas de fora. aversão à introspecção; pensamento rigidamente estereotipado; pendor para a superstição, desprezo, em parte moralista, em parte cética, pela natureza humana; tendência a projeção” (HORKHEIMER, 1950, p. 230 apud JAY, 2008, p. 304)

O tipo em questão parece, nas palavras de Horkheimer, no *Prefácio* da obra, ser constituído por ideias próprias de uma sociedade altamente industrializada. Tal estrutura de caráter é conflitante na medida em que os indivíduos portadores da mesma são, concomitantemente, esclarecidos enquanto bradam orgulhosamente seu individualismo, ao mesmo tempo em que se submetem, cegamente, à autoridade, sendo dotados de uma quinquilharia supersticiosa, também. Horkheimer nos alerta que os autores da obra não talharam a mesma imbuídos de uma crença na suposta eficácia do propagandear da tolerância³⁹, ou, ainda, na refutação apologética das mentiras próprias do fascismo. A convicção que norteou o trabalho desses autores está ancorada na crença de que uma elucidação científica de um fenômeno, tal como a discriminação social, pode contribuir, significativamente, para a melhoria do ambiente cultural no qual o ódio que a fomenta é cultivado. Para Horkheimer, tal convicção não se trata de uma ilusão otimista, haja visto que, ao decorrer da história da civilização, as ilusões coletivas foram remediadas graças às contribuições de intelectuais, ao invés de uma mera propaganda focalizada. Para corroborar tal argumento, utiliza como exemplo a contribuição do racionalismo cartesiano para a superação da feitiçaria como um dogma científico e, também, o impacto da obra de Sigmund Freud na cultura moderna. Dessa forma, foi esperado que o trabalho desenvolvido encontrasse solo na história de interdependência entre ciência e clima cultural para que, assim, as chances de um contra-ataque educacional pudessem aumentar. Para tal, seria preciso compreender os fatores psicossociológicos responsáveis por edificar o tipo de homem autoritário e quais os capazes de conter seu avanço. Nesse sentido, a obra abriga diferentes ramos das ciências sociais e da psicologia de modo que a teoria a respeito do tipo autoritário de homem é fruto de um esforço conjunto de intelectuais dessas áreas. É de suma importância salientar,

³⁹ “A tolerância nunca tinha sido um fim para a Escola de Frankfurt. No entanto, a personalidade não autoritária, à medida que chegou a ser definida, foi postulada como sendo a da pessoa com uma tolerância não dogmática à diversidade. O que o Institut sempre temeu foi a fetichização da tolerância como um fim em vez de um meio” (JAY, 2008, p. 312).

ainda, que os principais conceitos da obra foram desenvolvidos de modo coletivo, sobretudo, no que diz respeito à Escala F. A respeito da possível contribuição da obra, Adorno salienta que ela

Não deve ser buscada na validade absoluta dos achados positivos, menos ainda nas estatísticas, e sim, acima de tudo, na enunciação dos problemas, que foi motivada por uma autêntica preocupação social e se relacionou com uma teoria que, até então, não fora traduzida em investigações quantitativas desse tipo. (ADORNO, p. 361 apud JAY, 2008, p. 315)

4.2 Introdução ao problema da pesquisa

Já de início, Adorno correlaciona ideologia e personalidade ao evidenciar que a hipótese edificante da pesquisa foi “a de que as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo frequentemente formam um padrão amplo e coerente, como se unidos por uma “mentalidade” ou por um “espírito”, e que esse padrão é uma expressão de tendências profundas em sua personalidade” (ADORNO, 2019, p. 71). Deste modo, torna lícito dizer que Adorno aponta para uma dupla determinação da ideologia — o indivíduo e a sociedade — ao considerar que a ideologia dos indivíduos é edificada por meio de elementos de sua personalidade, coadunados de modo padronizado por meio da interação com elementos conjunturais próprios do contexto social no qual estão inseridos os indivíduos. Desta maneira, a pesquisa incidiu seu foco de investigação sobre os elementos subjacentes à ideologia, compreendida, aqui, enquanto “uma organização de opiniões, atitudes e valores — um modo de pensar sobre o homem e a sociedade” (ADORNO, 2019, p. 73), em busca de detectar indivíduos *potencialmente* fascistas, não indivíduos *declaradamente* fascistas. Isto porque, no momento em que a pesquisa foi realizada, o nazifascismo havia sido derrotado, criando, dessa forma, entraves para que houvesse uma identificação aberta por parte dos sujeitos para com sua ideologia. Em razão disso, os autores da pesquisa conjecturaram ser necessário investigar o indivíduo a partir de sua estrutura de personalidade visando identificar, assim, os elementos responsáveis por abrir alas para a aceitação daquilo proferido pela propaganda antidemocrática, em outras palavras, a suscetibilidade do indivíduo à propaganda fascista. Isto, contudo, não torna lícito dizer que não detectaram sujeitos “cujo perfil era tal que indicava que eles prontamente aceitariam o fascismo se este se tornasse um

movimento social forte ou respeitável” (ADORNO, 2019, p. 72). Posto isto, o autor declara que o ímpeto da pesquisa foi o de angariar recursos de combate ao fascismo por meio da investigação daquilo que engendra sua aceitação por parte dos indivíduos. Tal investigação, por sua vez, evidenciou que

indivíduos que apresentam extrema suscetibilidade à propaganda fascista têm muito em comum. (Eles exibem numerosas características que juntas formam uma “síndrome”, embora variações típicas no interior desse padrão maior possam ser distinguidas.). (ADORNO, 2019, p. 72)

Enquanto tais indivíduos eram pouco diversos entre si, aqueles situados no extremo oposto eram um tanto mais diversos. Em consequência disso, os recursos metodológicos desenvolvidos ao decorrer da pesquisa não aparentavam ser próprios para analisar outros padrões de personalidade que não os desses indivíduos potencialmente fascistas. Assim, a pesquisa não focalizou o antifascista em potencial, o que não impediu, entretanto, que fosse profícua em identificar estruturas de personalidades aptas a engendrar resistência às ideias antidemocráticas. Sumariamente, a pesquisa buscou, então, lançar luz a questões próprias da identidade do indivíduo potencialmente fascista, bem como aquilo nele capaz de engendrar o pensamento antidemocrático de modo a compreender tanto as forças organizadoras que habitam e estruturam o sujeito, como as determinantes que propiciaram um solo fértil para seu desenvolvimento. E, por fim, a pesquisa buscou detectar, também, o quão comum é a existência desse tipo de indivíduo na sociedade existente da época.

De modo geral, a investigação foi conduzida pela hipótese de que há, no interior do indivíduo, um todo organizado responsável pela sua edificação enquanto tal. É possível que, neste ponto, se fale “de uma ideologia total do indivíduo ou de sua ideologia a respeito de diferentes áreas da vida social: política, economia, religião, grupos de minorias e assim por diante” (ADORNO, 2019, p. 73). Comumente, o problema dos tipos políticos é abordado por meio de duas concepções essenciais: da ideologia e das necessidades contidas no indivíduo. Tais concepções edificam um todo organizado no interior do indivíduo e podem ser estudadas tanto por meio dessa totalidade, como de modo separado. É de suma importância ressaltar que “as mesmas tendências ideológicas podem, em diferentes indivíduos, ter fontes diferentes e as mesmas

necessidades pessoais podem expressar-se em diferentes tendências ideológicas” (ADORNO, 2019, p. 73). É preciso ressaltar, também, que as ideologias são, por sua vez, frutos de processos históricos, bem como de fatos sociais contemporâneos, assim, são independentes de qualquer indivíduo singular, apesar de estarem intimamente relacionadas com suas necessidades e em que grau as mesmas estão satisfeitas ou frustradas. Adorno salienta que apesar de ser possível que um indivíduo seja constituído por uma colcha de retalhos ideológicos, de modo que sua costura forme um padrão que, num primeiro momento, parece ser unicamente seu, ao compará-la com as de outros indivíduos nota-se a existência de um padrão comum. De modo geral, tais ideologias “terão uma função dentro do ajustamento geral do indivíduo” (ADORNO, 2019, p. 74).

A investigação acerca da natureza do indivíduo potencialmente fascista teve, de início, seu foco orientado para o estudo do antissemitismo. Este, por sua vez, era compreendido como fruto de fatores relativos aos sujeitos e seu contexto, não havendo relação direta com as características dos judeus. Os autores da pesquisa supuseram, nesse sentido, que o antissemitismo compunha parte de um quadro ideológico, não sendo um mero fenômeno isolado. Supuseram, também, que a suscetibilidade de um indivíduo a ideias antidemocráticas está alicerçada em suas necessidades psicológicas. Assim, a necessidade de investigar a fundo a personalidade dos indivíduos fez com que o foco de atenção do estudo recaísse sobre a psicologia, apesar de esta estar apenas artificialmente separada da sociologia e da história.

Posto isto, o autor argumenta que afirmar a existência de uma totalidade organizada no interior do indivíduo exige uma exaustiva investigação. Isso também vale para os padrões que supostamente se formam diante o coadunar de diversas colchas de retalhos ideológicos. É preciso, assim, mensurar e detectar de que modo tal articulação ocorre, fazendo uso de métodos estatísticos convencionais capazes de fornecer tais dados advindos do conjunto populacional. Neste ponto, Adorno apresenta algumas objeções comumente direcionadas ao estudo científico da ideologia. Estas, por sua vez, são proferidas por muitos psicólogos sociais, que alegam que uma mensuração dessa envergadura exigiria um longo procedimento, bem como o isolamento da atitude para que a mesma possa ser adequadamente medida. Ora, então,

como seria possível que Adorno e seus colegas pudessem investigar, dentro de um tempo razoável, os elementos constituintes de uma ideologia? O autor responde a questão salientando que é preciso que haja uma seleção para que assim o pesquisador consiga se deter no que é mais significativo, sendo que a base teórica deve propiciar que ele edifique um julgamento de significância.

De início, o estudo focalizou no estudo objetivo das opiniões, atitudes e valores que mais saltavam aos olhos e possuíam certa especificidade. Aqui, opiniões, atitudes e valores habitam a superfície psicológica do indivíduo e são parcialmente expressos pelas palavras. O autor chama atenção, neste ponto, para o peso situacional exercido sobre manifestações acerca de questões de alto teor afetivo, tal como relativos a grupos de minorias, podendo haver, assim, uma dissonância entre o dito e o pensado. Este último é mais facilmente acessado em situações nas quais o indivíduo está com pessoas íntimas em relação às quais desfruta de certa confidencialidade ou, ainda, em contato com um psicólogo apto a fazer o uso das técnicas apropriadas para tal, sendo isso que a pesquisa buscou acessar. Segundo Adorno, a superfície psicológica encobre tantos pensamentos que o indivíduo não revelaria em circunstância alguma, tanto pensamentos que não admitiria sequer para si mesmo e, ainda, outros que encontram-se em uma estágio de formulação que escapa do domínio das palavras. Assim, tendo em vista o objetivo da pesquisa de acessar as tendências que habitam para além da superfície, se mostrou de suma importância acessar tais conteúdos haja visto que é nesse lugar que habita o potencial do indivíduo tanto para o pensamento e ação democrática, como antidemocrática, a depender da situação.

Ao decorrer do estudo, ficou evidente que aquilo que é proferido por um indivíduo é fortemente influenciado pelo clima de opinião geral no qual está inserido, sendo essa influência exercida em menor grau no âmbito do que ele realmente pensa. Dito isso, tornou-se perceptível que, conforme o clima muda, alguns indivíduos parecem se adaptar a ele com mais prontidão que outros; é neste ponto, segundo Adorno, que a ideologia deve ser estudada. Caso haja uma crescente considerável da propaganda antidemocrática, alguns indivíduos exibirão tendências antidemocráticas muito mais facilmente que outros, evidenciando, assim, que a suscetibilidade a esse tipo de propaganda é diversa. Logo, para diagnosticar o potencial para o fascismo nos Estados

Unidos, é preciso investigar os níveis de prontidão de seus habitantes a aderi-lo. Neste ponto, Adorno salienta que o antissemitismo declarado nos Estados Unidos, naquele momento, era maior do que na Alemanha pré-Hitler, fazendo com que o autor sugestionasse que sua a potencialidade estadunidense para o facismo fosse menor do que a da Alemanha — algo que, somente ao fim da pesquisa, deixou de residir no campo da sugestão para habitar no da constatação.

O autor salienta que, comumente, a ideologia é considerada correspondente à ação de um indivíduo. Tal como no quesito prontidão, tal relação parece, também, ser permeada por gradações de potencialidades. Como exemplo, o autor cita a confortável ideia de que um indivíduo pode estar envolvido com propaganda antidemocrática sem que isso signifique que o mesmo partiu ou partirá para o ataque explícito a grupos de minorias. Neste ponto, Adorno chama atenção para o fato de que, tanto a expressão verbal, como a ação explícita, estão, majoritariamente, relacionadas com a situação atual na qual o indivíduo se encontra e suas nuances socioeconômicas e políticas. Adorno pontua que desvelar quais tipos e intensidades de elementos ideológicos propicia a ação deve ser parte do estudo da ideologia geral do indivíduo. O autor pontua, ainda, que o estudo deve detectar a variabilidade dos quesitos prontidão e ação entre os indivíduos. Segundo o autor, “a descrição de ideologia total de um indivíduo deve retratar não apenas a organização em cada nível, mas a organização entre os níveis” (ADORNO, 2019, p. 78). Isto porque, todos os fenômenos presentes em cada nível podem ser constituídos de uma estrutura singular; contudo, isso não significa que suas partes constituintes não estejam relacionadas psicologicamente umas às outras pois “a estrutura pode não estar integrada, ela pode conter contradições tanto quanto consistências, mas ela está organizada” (ADORNO, 2019, p. 78).

Nesse sentido, a teoria da personalidade se mostrou necessária na medida em que pareceu oferecer elementos suficientes para a compreensão das estruturas que edificam os fenômenos ideológicos de um indivíduo. Conforme a teoria sobre a qual se edifica o estudo, “a personalidade é uma organização de forças mais ou menos duradouras no interior do indivíduo” (ADORNO, 2019, p.78). Tais forças, em grande medida, norteiam as respostas dos indivíduos perante as mais variadas situações sendo, assim, o amálgama

da consistência comportamental, seja a nível verbal ou físico. Neste ponto, o autor chama atenção para a necessária compreensão de que comportamento e personalidade não são equivalentes. As forças de personalidade atuam nos bastidores psíquicos dos indivíduos enquanto prontidão de respostas, não enquanto elas propriamente ditas. Isto porque, nos bastidores da mente de um indivíduo, existe um conflito entre prontidões que, juntamente da situação do momento, fará com que emergja uma expressão implícita ou explícita de suas tendências. Neste ponto, é preciso levar em conta que “as forças de personalidade que se encontram inibidas estão em um nível mais profundo do que aquelas que imediata e conscientemente se expressam em comportamento explícito” (ADORNO, 2019, p. 79). A teoria freudiana, em grande medida, foi o alicerce sobre o qual o estudo construiu uma base referencial para a estrutura da personalidade, enquanto para a sistematização dos elementos mensuráveis da personalidade, o estudo recorreu à psicologia acadêmica. Aqui, Adorno indica que

As forças de personalidade são primeiramente necessidades (pulsões, desejos, impulsos emocionais) que variam de um indivíduo para o outro em sua qualidade, intensidade, modo de gratificação e objetos de sua fixação e que integram com outras necessidades em padrões harmônicos ou conflitivos. Há necessidades emocionais primitivas, há necessidades de se evitar punição e conservar a boa vontade do grupo social, há necessidades de se manter em harmonia e a integração dentro de si [self]” (2019, p. 79).

Ao assumir que a ideologia, por sua vez, possui intrínseca relação de dependência para com as necessidades organizadas na personalidade do indivíduo e estas, por sua vez, influem de modo significativo na preferência ideológica não torna, contudo, lícito hipostasiar a personalidade de modo tal que a mesma seja considerada como determinante última de tal preferência. Isto porque a personalidade, conforme circunscrita no campo teórico freudiano, é parte da totalidade social na qual o indivíduo habita e se desenvolve à luz da mesma, não sendo, assim, um constructo rígido cuja formação está dada desde o início da vida do indivíduo, cabendo a ela somente incidir sobre a realidade sem que a mesma nela interfira. Há, então, aqui, uma relação dialética entre indivíduo e sociedade. Para Freud, as influências de maior significância para o desenvolvimento da personalidade residem no período concernente ao desenvolvimento da criança. Tais influências estão intimamente relacionadas a fatores socioeconômicos na medida em que estes afetam

diretamente o modo pelo qual os pais se comportam em relação às crianças. Logo, é lícito dizer que condições sociais influem diretamente sobre as categorias de personalidades existentes no seio de determinada sociedade. Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender de que modo a ideologia e fatores sociológicos se correlacionaram no passado do indivíduo, sendo desnecessário que ainda estejam operantes em seu presente para tal compreensão. A personalidade é, então, mediadora entre sociedade e ideologia, na medida em que o autor a define enquanto uma “agência [agency] através da qual estão mediadas as influências sociológicas sobre a ideologia” (2019, p. 80). Nesse sentido, desvendar o papel da personalidade permite compreender a relevância de determinados fatores sociológicos e de que modo logram seus efeitos. Dito isto, é lícito conceber como resultado do ambiente social da infância uma estrutura no interior do indivíduo, passível de modificações, porém resistente a mudanças basilares. Tal estrutura é, por sua vez, capaz de engendrar uma ação auto iniciada sobre o ambiente selecionando estímulos diante uma variedade destes que, no geral, chocam-se entre si.

Tal concepção parece dar conta de explicar o porquê da consistência comportamental diante situações diversas; o persistir de determinadas tendências ideológicas mesmo frente a fatos contraditórios; a pluralidade de visões, por vezes conflitantes entre si, diante uma mesma situação sociológica; porque indivíduos regressam aos seus antigos modos de agir após a retirada de uma agência de manipulação. Tal concepção impede, também, que seja atribuído as tendências afincadas do indivíduo algo de ordem inata, tal como fizeram os nazistas por meio de alegações concernentes a uma suposta fixidez no comportamento humano, expressa por traços biológicos. Se por um lado focalizar em demasia a fixidez do comportamento humano resultou num exitoso dispositivo político discriminatório, por outro, em nada contribuiu aqueles que focalizaram numa infinidade de flexibilidade humana e capacidade responsiva perante situações sociais. Isto porque todas as tendências persistentes foram enquadradas sobre signos que visavam as designar como um mal, de modo geral. Deste modo, emergiu um terreno fértil para o sugerir de que tudo que habita na estrutura de personalidade está, necessariamente, sob a rubrica do “patológico”. Neste ponto, o autor salienta que apesar de haver certa base para

designar certos comportamentos como “patológicos”, o caso em questão parece gerar uma utilização do termo “no sentido bastante limitado de um desvio da média encontrada em um contexto particular” (ADORNO, 2019, p. 82). O autor salienta, ainda, que padrões tidos como desviantes e, por conseguinte, designados “patológicos”, abrigavam em seu seio variáveis comumente existentes na população de modo, inclusive, a se relacionarem entre si. Com isso, o autor diagnostica que a rubrica do desvio não passava de descomedimento acerca daquilo que habita a superfície da sociedade de modo quase que universal; salienta, também, que aquilo tido como patológico poderia, diante uma mudança de condições sociais, se tornar uma tendência dominante. Posto isto, o autor conclui que a abordagem mais adequada para o exame dos problemas sobre os quais se direciona a pesquisa deve levar em conta as categorias de fixidez e de flexibilidade. Isto pois parecem ser “extremos de um mesmo continuum ao longo do qual características humanas podem ser situadas e deve oferecer uma base para entender as condições que favorecem um extremo ao outro” (ADORNO, 2019, p. 82).

Deste modo, a personalidade deve ser compreendida não enquanto um conceito rígido, mas dotado de uma relativa permanência da qual emerge um potencial responsável por engendrar comportamentos sem que haja uma equivalência substancial entre ambos, ou seja, sem que a personalidade se equipara ao comportamento. Assim, o comportamento manifesto possui dependência com a situação objetiva na qual o indivíduo está situado. Logo, para que se compreenda a manifestação de tendências antidemocráticas é preciso compreender de que modo se organizará a sociedade na qual os indivíduos que as manifestam se situam. Segundo Adorno, a resposta acerca das condições sobre as quais a propaganda antidemocrática seria capaz de engendrar a passagem daquilo que é tido como potencial no indivíduo para algo manifesto, estaria em processos operantes na sociedade. Esta, por sua vez, abriga em seu âmago poderosos interesses econômicos que, segundo o autor, decidirão “se a propaganda antidemocrática deverá ou não se tornar uma força dominante neste país — se eles farão uso, de forma consciente ou não, desse dispositivo a fim de manter seu status dominante” (ADORNO, 2019, p. 83). Dito isto, o autor salienta que o foco da pesquisa, contudo, não residirá sobre aspectos da produção propagandística, mas sobre aqueles para o qual

se destina. Assim, o foco incidirá nos consumidores da propaganda fascista, bem como na totalidade objetiva na qual estão inseridos.

A pesquisa evidenciou que os programas políticos e sociais aceitos pelas pessoas estão intrinsecamente relacionados com a crença de que os mesmos servirão aos seus interesses econômicos. Estes, por sua vez, são dependentes da posição ocupada pelo indivíduo na sociedade. Tal posição é delineada tanto por fatores econômicos, como sociológicos. Assim, a pesquisa dedicou-se, em grande parte, em desvelar quais os padrões desses fatores estariam vinculados a receptividade e a resistência à propaganda antidemocrática. Neste ponto, Adorno salienta que o papel das motivações econômicas parecia não ter a centralidade conferida, comumente, a ele. Isto porque, caso o auto interesse econômico fosse tão crucial era de se esperar que indivíduos pertencentes a um mesmo status econômicos possuísem uma grande similaridade entre suas opiniões, bem como era de se esperar que indivíduos de status diferentes fossem contrastantes entre si — a pesquisa, contudo, não sustentou tais expectativas. Ao contrário, a mesma evidenciou que

Há apenas uma similaridade de opinião muito geral entre pessoas de um mesmo status socioeconômico, e as exceções são gritantes; já as variações de um grupo socioeconômico para outro raramente são simples e nítidas. (ADORNO, 2019, p. 84)

Deste modo, seria preciso recorrer a outras necessidades para explicar tais constatações. Pois bem, lançada luz às questões da contraposição entre o comportamento esperado e o manifesto tocante às questões concernentes aos interesses materiais, ficou evidente que o indivíduo não só seria capaz de negligenciar seus interesses como, também, de ir contra os mesmos. Assim, o que parecia nortear os indivíduos não era, como se esperava, considerações de ordem racional. Para ilustrar tal colocação, Adorno refere-se aos trabalhadores de colarinho branco que optaram por alinhar-se aos grandes homens de negócio ao invés de alinharem-se uns aos outros. Aqui, o que parecia gerar tal alinhamento em relação a temas de cunho econômico e político não era a crença de que por meio dele alcançariam independência econômica,

É como se ele estivesse pensando em termos de uma identificação com um grupo maior, como se seu ponto de vista fosse determinado mais pela sua necessidade de apoiar esse grupo e de suprimir grupos

opostos do que pela consideração racional de seus próprios interesses. (ADORNO, 2019, p. 85)

Nesse sentido, o conflito de grupos precisaria ser compreendido para além do mero choque proveniente de interesses econômicos, seria preciso compreendê-lo enquanto uma luta pulsional. Posto isto, Adorno chama atenção para o predomínio de tendências irracionais que conduzem a análise do mundo social. Existem análises que, apesar de serem antidemocráticas, permanecem no domínio racional, mesmo que em um sentido limitado — aqui, Adorno apresenta o exemplo de um trabalhador que por medo da concorrência aumentar e, assim, sua renda diminuir, se opõe a imigração de judeus. Contudo, caso esse homem ultrapasse a motivação profissional, como comumente ocorre, e passe a atribuir aos judeus culpa sobre os males do mundo, adentra, então, em um domínio ilógico. Neste ponto, Adorno pontua que tão ilógico como tal preconceito, é a aceitação acrítica em relação a tal grupo, sendo ambos, provavelmente, derivados de uma falta de experiência real com seus membros. O estudo evidenciou, também, que o preconceito é generalizado na medida em que um indivíduo que é hostil para com um grupo de minorias, possui grande possibilidade de ser tão hostil quanto em relação a outros grupos. Adorno salienta, ainda, que base racional alguma suporta tal generalização, haja visto que “a situação objetiva do indivíduo parece ser uma fonte improvável para tal irracionalidade” (ADORNO, 2019, p. 86). Assim, seria preciso buscar em outro local tal fonte sendo ele as necessidades residentes nas profundezas da personalidade.

A pesquisa constatou que a receptividade ideológica dos indivíduos é, também, afetada por associações a grupos sociais que, por sua vez, favorecem a disseminação de padrões de ideias, seja ela de modo oficial ou não. Deste modo, dispositivos de imitação e condicionamento, visando atender as necessidades de conformidade dos indivíduos, levam os mesmos a assumirem a ideologia característica do grupo do qual fazem parte, acreditando nas mesmas na medida em que geram uma sensação de pertencimento. Nesse sentido, caso as ideias prevalecentes de um grupo caminhem rumo ao antidemocratismo, é esperado que o indivíduo caminhe rumo a ele, também. Logo, a pesquisa se debruçou a investigar associações do gênero em busca de delinear as tendências gerais de pensamento possíveis de sem entradas em

seu interior. A pesquisa reconhece, nesse sentido, que “a correlação entre associação a grupos e ideologia pode dever-se a diferentes espécies de determinação em diferentes indivíduos” (ADORNO, 2019, p. 87). Isto quer dizer que, por vezes, a emissão de determinada opinião por parte de um indivíduo deriva apenas da repetição das opiniões existentes em seu meio social, pois dada sua obviedade, não são por eles questionados. Em outros casos, o indivíduo pode emitir opiniões com as quais simpatiza e, em consequência destas, coadunar-se a um grupo particular que as defende. Aqui, o autor pontua que, dada a característica de comunalidade cultural da sociedade moderna, os indivíduos pouco frequentemente estão sujeitos a um único padrão de ideias. Nesse sentido, alcançada uma idade em que as ideias adquirem sentido, os indivíduos as selecionam de acordo com as necessidades advindas de sua personalidade. E mesmo que o indivíduo fosse exposto a um único padrão de ideias, é notório que os fatores de personalidade fazem diferença na medida em que, diante tal padrão, alguns indivíduos se conformam e outros, ao contrário, se rebelam. Posto isto, o autor conclui que

A abordagem mais segura, assim pareceria, é considerar que na determinação da ideologia como na determinação de qualquer comportamento, há um fator situacional e um fator de personalidade e que uma ponderação cuidadosa do papel de cada um produziria uma previsão mais acurada. (2019, p. 87)

Adorno salienta que, enquanto fatores situacionais foram exaustivamente estudados em pesquisas, da época, acerca de opiniões e atitudes, fatores de caráter mais individual e interior foram negligenciados. Por isso, o estudo buscou enfatizá-los por meio do estudo da personalidade. Outro fator que justifica a ênfase dada a tal estudo diz respeito à relação entre o êxito da propaganda fascista e determinada estrutura de personalidade. Potenciais antidemocráticos existentes em tais estruturas facilitaria, segundo o autor, a tarefa da propaganda fascista que, em última análise, consistiria em angariar o apoio das massas por meio de uma submissão temerosa, bem como de uma cooperação ativa. Haja visto que o fascismo, por sua vez, visa favorecer uma minoria em detrimento de uma maioria, torna-se inviável angariar o apoio das pessoas evidenciando que seus interesses seriam atendidos e, assim, sua situação melhoraria. Deste modo, a propaganda fascista precisaria apelar “não ao autointeresse racional, mas às necessidades emocionais — frequentemente

dos medos e desejos mais primitivos e irracionais” (ADORNO, 2019, p. 88). Assim, as pessoas são de certa forma enganadas com base em determinadas crenças, há muito edificadas em seu interior, por meio de padrões, tanto de expectativas e aspirações, como de medos e angústias. Dito isto, o autor salienta, inclusive, que a emergência do fascismo na Alemanha era inevitável, haja visto as transformações econômicas e conflitos da época. Diante tal contexto, os líderes nazistas instigaram, ao máximo, o potencial antidemocrático presente na massa de pessoas, visando não só angariar o apoio da mesma, mas minar qualquer rebelião iminente. Assim, outro quesito a ser considerado a estimativa de triunfo do fascismo na América deveria levar em consideração, também, as resistências à propaganda fascista. Os autores do estudo apostavam que caberia às pessoas decidirem se determinado país guinará ou não rumo ao fascismo. Deste modo, o estudo visou contribuir para o aumento de autoconsciência e autodeterminação de modo a impossibilitar manipulações diversas. Tal tarefa conta com a investigação dos potenciais antidemocráticos para que, assim, seja possível traçar programas aptos a nortear a ação democrática. Tais programas não devem, contudo, estarem edificados, tal como a propaganda fascista, sobre dispositivos de manipulação.

Por fim, outro fator a ser considerado para uma abordagem correta da ideologia é o sistema racional de um indivíduo, também constituinte de sua personalidade. Tal sistema permitiria que um indivíduo, tido como razoável por compreender, em certa medida, as determinantes de sua visão de mundo, bem como ciente de fatores necessários, organizasse sua visão de mundo. Tal concepção contrapõe a visão destrutiva de que as ideologias e filosofias, em sua totalidade, emergem de fontes irracionais e, assim, não haveria um parâmetro capaz de propiciar uma distinção de mérito entre elas. Tal sistema racional, por sua vez, deriva de uma determinada organização da personalidade. Segundo Adorno, aquelas personalidades mais próximas de obter tais sistemas, são tidas como maduras diante aquelas mais distantes, pois

De acordo com a teoria, as variáveis de personalidade que têm a ver com a determinação da objetividade e da racionalidade de uma ideologia são aquelas que pertencem ao eu [ego], aquela parte da personalidade que analisa a realidade, que integra as outras partes e opera com a consciência mais desperta” (ADORNO, 2019, p. 90).

Deste modo, caberia ao *eu* se responsabilizar perante as forças irracionais atuantes no seio da personalidade. Com isso, conhecendo as determinantes psicológicas da ideologia estima-se conhecer aquelas responsáveis por tornarem os indivíduos mais razoáveis. O autor frisa que tal investigação não visa, contudo, dizer qual ideologia é mais verdadeira, eliminando, assim, as diferenças existentes na sociedade no tocante às opiniões. Tal investigação visa, sobretudo, propiciar a remoção de barreiras rumo à busca de uma ideologia mais alinhada aos fatos, haja visto que interesses reais conflitantes e diferenças de personalidade farão com que discussões nunca cessem no interior da sociedade.

4.3 Caracterizando o método

Em decorrência dos problemas supracitados, o estudo buscou desenvolver métodos capazes de descrever e mensurar as tendências ideológicas. Assim, diante da concepção de que existem níveis nas pessoas, tornou-se necessário a elaboração de técnicas capazes de investigar opiniões, atitudes e valores residentes na superfície do indivíduo enquanto manifestações indiretas de tendências ideológicas inibidas, em certa medida. Tais técnicas deveriam ser aptas a evidenciar as forças de personalidade residentes do inconsciente que, como já dito, edificam as tendências ideológicas, juntamente de um contexto social. Nesse sentido, a abordagem por meio de estudos clínicos intensivos apresentou-se adequada diante da necessidade de estudar o indivíduo em sua totalidade. Estudos de grupos e individuais foram realizados a fim de fornecerem um rumo para a integração adequada de ambos os níveis. Somente por meio desses estudos é que foi possível delimitar a significância e importância prática das técnicas desenvolvidas para execução dos estudos de modo que deles pudessem emergir generalizações. Enquanto “os indivíduos foram estudados por meio de entrevistas e técnicas clínicas especiais para revelar desejos, medos e defesas subjacentes; os grupos foram estudados por meio de questionários” (ADORNO, 2019, p. 91).

Posto isto, a expectativa dos autores em relação aos estudos clínicos era a de que seu material fosse capaz de ser quantificado e, assim, apto a

fornecer subsídio para os estudos voltados aos grupos de modo que os questionários elaborados fossem aptos a intervir em áreas comumente pertencentes apenas ao campo do estudo clínico. De modo geral, os autores buscaram dispor os métodos próprios da psicologia social tradicional aos conceitos pertencentes a dinâmica da personalidade de maneira que, assim, fenômenos mais pertencentes aos níveis profundos do indivíduo pudessem ser acessados de modo estatístico de larga escala fazendo com que investigações acerca das atitudes e opiniões possuísem mais significância psicológica. Estudos clínicos e de grupos foram realizados de modo articulado entre si para viabilizar sua integração. Quando o foco incidiu sobre o indivíduo o objetivo consistia em detalhar seu padrão ideológico e, também, compreender fatores dinâmicos subjacentes a tal padrão a fim de que, assim, fosse possível detalhar os padrões ideológicos a fim de identificar seus fatores edificantes. Já quando o foco incidiu sobre o grupo, o objetivo residiu em identificar opiniões, atitudes e valores que, usualmente, trilhavam junto como componentes de suas vidas e do contexto nas quais estavam inseridas. Assim, os autores possuíam uma base para selecionar aqueles indivíduos mais promissores ao estudo intensivo e que ele objetivava. De acordo com Adorno, “mereceram maior atenção aqueles que exemplificam os padrões comuns e nos quais se poderia supor que os fatores correlatos estavam dinamicamente relacionados” (2019, p. 92).

Em resumo, para que fosse possível o estudo de indivíduos potencialmente antidemocráticos era preciso identificá-los, primeiramente. Deste modo, o primeiro passo foi dado a partir da formulação e distribuição de um questionário de preenchimento anônimo a um número considerável de pessoas. Para além de questões factuais acerca da vida dos indivíduos, tanto englobadas em seu presente, como em seu passado, tal questionário era recheado por afirmações antidemocráticas. Diante tais afirmações os indivíduos poderiam manifestar concordância ou discordância de modo que, assim, aqueles que mais concordaram com tais afirmações foram estudados através de técnicas clínicas, como por exemplo, por meio de entrevistas. Os estudos individuais, por sua vez, forneceram subsídio para a reformulação constante dos questionários de modo que todo o procedimento pudesse ser repetido. Já a entrevista operou no sentido de possibilitar que a validade do questionário fosse testada. Assim, seria possível julgar se aquelas pessoas que

manifestaram um alto número de concordância com afirmações antidemocráticas seriam as mesmas a irem nessa direção em relações confidenciais. Neste ponto, Adorno salienta o papel central desempenhado pelos estudos clínicos no que tange a possibilidade de acesso a fatores de personalidade edificantes da ideologia antidemocrática, bem como no que tange o fornecimento de sugestões de metodologias para estudar tal fator em larga escala. A partir do aprofundamento acerca do conhecimento a respeito das tendências subjacentes à personalidade e sua expressão por meio do preconceito, outras manifestações puderam ser melhor identificadas, o que exigiu que tais manifestações fossem devidamente traduzidas em itens do questionário. De modo geral, “o progresso estava em encontrar indicações mais e mais confiáveis das forças centrais de personalidade e revelar com crescente clareza as relações dessas forças com a expressão ideológica antidemocrática” (ADORNO, 2019, p. 93).

A respeito do formato dos questionários, Adorno salienta que o mesmo consiste em uma apresentação mimeografada que abrigava elementos a serem respondidos de modo anônimo por sujeitos em grupo. Tais questionários, eram constituídos por questões factuais, bem como escalas de opiniões e atitudes e perguntas de respostas abertas, denominadas projetivas. As questões factuais estavam ancoradas nas associações passadas e presentes dos indivíduos a grupos tais como aqueles vinculados à questão religiosa, política e econômica. As respostas desse campo foram tomadas pelo seu valor de face. As questões relacionadas a esse campo estavam atreladas ao que Adorno refere como correlatos sociológicos da ideologia. Tais correlatos foram perdendo espaço de certa forma, na medida em que o estudo avançava, deixando espaço para que a experiência com os entrevistados direcionasse a seleção. De início, tendências ideológicas superficiais tais como antissemitismo, etnocentrismo e conservadorismo político-econômico foram estimadas quantitativamente por meio das escalas de opinião-atitude. Em um segundo momento, emergiu uma escala cuja função residia em mensurar as tendências antidemocráticas existentes na personalidade — eis a *Escala F*. De modo geral, as escalas consistiam em um conjunto de afirmações sobre as quais o sujeito poderia ou não manifestar concordância. Tais afirmações eram agrupadas tendo em vista o fato de serem componentes de uma mesma tendência geral. Essas

tendências “foram concebidas muito amplamente, como sistemas complexos de pensamento sobre extensas áreas da vida social” (ADORNO, 2019, p. 94). A definição empírica dessas tendências exigiu a obtenção de respostas capazes de evidenciar a relação de questões específicas com o todo. Assim, o trajeto da pesquisa foi delimitado pelo questionar acerca da relação entre opiniões particulares e outras opiniões e atitudes. Neste ponto, Adorno salienta que tal abordagem contrasta com as demais pesquisas de opinião pública cujo interesse inicial incidia, via de regra, sobre opiniões diversas a respeito de uma questão particular. A partir dessa nova abordagem, os autores esperavam “determinar a existência de tendências ideológicas amplas, desenvolver instrumentos para sua mensuração e, então, inquirir sobre sua distribuição em populações maiores” (ADORNO, 2019, p. 95). Deste modo, foi possível obter uma visão de determinada área ideológica na qual foram inseridas em um segundo momento, características dotadas de mais especificidades.

Adorno salienta, ainda, que o fato de tal abordagem estar ancorada em fatos como amplitude e inclusividade o grau de precisão de mensuração foi um tanto comprometido, apesar de não ter, contudo, impossibilitado o desenvolvimento das escalas atingir padrões estatísticos dotados de razoabilidade e, por conseguinte, aceitos. De modo geral, “a tarefa foi a de formular itens que cobrissem o máximo possível o fenômeno multifacetado em questão” (ADORNO, 2019, p. 95). Cada escala precisava ser formulada levando em conta não só a capacidade ampla de cobertura, mas, também, a paciência dos sujeitos, exigindo, assim, que a cobertura estivesse edificada sobre um alto grau de eficiência por parte das perguntas elaboradas. Haja visto que as tendências são constituídas por diversos componentes que seria necessário não operar por meio da duplicação de itens. Adorno salienta, também, que a alta especificação foi desconsiderada em detrimento de uma estimativa plausível acerca de um sistema geral correlacionado com outros, também parte das tendências de personalidade dos indivíduos. Já a abordagem indireta, ao invés de uma abordagem direta foi justificada por Adorno tanto pela complexidade do fenômeno e a consequente dificuldade de detectar diferenças entre os indivíduos por meio de respostas únicas, bem como por temas como os trabalhados na pesquisa serem pouco frequentemente falados com franqueza por parte dos indivíduos. Assim, nunca

foi dito aos participantes do questionário seu objetivo, apenas que se tratava de uma coleta de opiniões acerca de temas cotidianos. Os itens de cada escala foram apresentados de modo intercalado entre si de modo que cada afirmação pertencente a uma escala viesse seguida de uma não pertencente à mesma escala. No que diz respeito às afirmações preconceituosas voltadas a grupos de minorias, sua apresentação foi elaborada de tal modo que diante elas os sujeitos, mesmo expressando concordância, creriam que diante tal fato não se tornaram preconceituosas ou antidemocráticas.

Em contraste com a conformidade das escalas de mensuração das tendências ideológicas superficiais com os procedimentos adotados nas pesquisas sociopsicológicas, a escala elaborada para tendências parcialmente antidemocráticas, parte de outro ponto, conforme evidencia Adorno

O procedimento foi o de juntar em uma escala itens que, hipoteticamente ou por experiência clínica, poderiam “entregar” [“giveaways”] tendências que permaneciam relativamente profundas dentro da personalidade e que constituíam uma disposição para expressar espontaneamente (em uma ocasião adequada) ideias fascistas ou ser por elas influenciadas (2019, p.97).

As afirmações constituintes dessa escala não diferiam das demais no que tange seu aspecto formal, contudo, as áreas da vida social abordadas não eram comumente abordadas em sistematizações próprias de abordagens político-socioeconômicas. Ao serem apresentadas de modo intercalado, juntamente das afirmações de outras escalas, apresentavam pouco ou nada do cerne da real questão visada. Sendo, assim, uma forma de racionalizar tendências irracionais. Nesse sentido, para que uma pessoa fosse considerada potencialmente antidemocrática era preciso que a mesma concordasse com grande parte dos itens da escala, não necessariamente todos. Adorno salienta que o fio que deve amarrar as questões reside, provavelmente, na tendência em comum que as subjazem, ao invés de qualquer base lógica dotada de certa obviedade. Assim, duas questões diferentes podem expressar uma mesma tendência, o que torna lícito dizer que aqueles que expressam acordo com afirmações de cunho preconceituoso tendem a concordar com afirmações explicitamente antidemocráticas, bem como outras de cunho preconceituoso. Adorno pontua, ainda, que diferentes pessoas podem coincidir em termos de concordância ou discordância em relação a uma afirmação, sem que isso torne lícito dizer que partem das mesmas razões para tal. Isto porque, conforme a

apresentação das afirmações, edificada sobre um verniz racional, alguns indivíduos poderiam ter suas respostas amparadas nesse aspecto ao invés de em disposições emocionais que habitam fora desse domínio. Assim, as respostas eram levadas em consideração em conjunto, sem que o foco incidisse sobre uma única resposta; para tal, muitos itens foram incluídos no questionário.

A escala F, por sua vez, foi desenvolvida a partir da descoberta e formulação de itens relacionados com expressões explicitamente antidemocráticas, sem, contudo, manifestar tal conexão. Posterior a isso, era preciso evidenciar em que medida tais itens eram aptos a manifestar o potencial antidemocrático imbuído na personalidade — este, por sua vez, desvelado no estudo clínico intensivo. No que tange às questões projetivas, estas, por sua vez, expunham ao indivíduo um material revestido de “estímulos ambíguos e emocionalmente carregados” (ADORNO, 2019, p. 99). O material foi elaborado dessa forma almejando a obtenção de uma variedade de respostas entre os indivíduos, bem como o fornecimento de pistas acerca de quais os meios aptos para trazerem à tona os processos de personalidade. A ambiguidade estava não no modo pelo qual as questões foram estruturadas, “mas no sentido de que as respostas estão no nível factual, e o sujeito não está ciente de suas implicações” (ADORNO, 2019, p. 99) e a significância das respostas residia na demonstração de sua relação para com outros fatores psicológicos do sujeito. Ao questionar, por exemplo, o que o indivíduo faria caso houvesse apenas seis meses de vida e diante disso pudesse fazer tudo o que desejasse, o foco não era saber o que faria, de fato, mas encontrar nessa resposta uma expressão de seus valores e conflitos. Após uma ampla experimentação de questões projetivas no início do estudo, oito delas foram escolhidas para uso com grupos. Tais questões, “tomadas em conjunto, davam uma visão mais ampla das tendências de personalidade do sujeito e mais se correlacionavam com padrões ideológicos superficiais” (ADORNO, 2019, p. 100).

No que diz respeito às técnicas clínicas empregadas, a entrevista foi dividida em duas seções visando cada qual, a seu modo, atingir determinados objetivos. A seção ideológica, por sua vez, visava induzir o indivíduo a falar sobre tópicos ideológicos de modo espontâneo e livre. Aqui, o indivíduo não

estava limitado, tal como no questionário, a expressar-se via um número restrito de tópicos classificatórios; nas entrevistas o que importava era os tópicos apresentados pelo indivíduo e como faria tal apresentação em termos de sentimentos. Desse modo, foi possível que o material aglutinado possibilitasse revisões que aproximasse, cada vez mais, os questionários daquilo que as pessoas diziam. Já a seção clínico-genética focalizou na obtenção de mais material factual acerca da situação do indivíduo, tanto atual, como passada, de modo que questões sobre pudessem estar, também, no questionário. Assim, instigou-se a livre expressão dos indivíduos acerca de seus sentires sobre si mesmos e outros indivíduos, tal como pais, irmãos, amigos e indivíduos envolvidos nas relações sexuais. Por fim, o indivíduo era instigado a falar sobre “as concepções do sujeito sobre seu ambiente infantil e self infantil” (ADORNO, 2019, p. 42). A técnica empregada para a realização das entrevistas propiciou, por sua vez, a obtenção de um material capaz de possibilitar os autores a inferir a respeito das camadas menos superficiais do indivíduo. Tal técnica

seguiu o padrão geral de uma entrevista psiquiátrica inspirada por uma teoria dinâmica da personalidade. O entrevistador era ajudado por um roteiro abrangente que foi submetido a várias revisões no decurso do estudo, à medida que a experiência ensinava quais eram as questões subjacentes mais significativas e quais eram os meios mais eficientes para evocar o material suscitado por elas” (ADORNO, 2019, p. 101).

O material gerado pela entrevista serviu tanto para rastrear variáveis inacessíveis pelas demais técnicas como também para basear estudos de casos individuais que deveriam, por sua vez, estarem amparados na relação entre os elementos operantes no interior do indivíduo antidemocrático. Já o teste de apercepção temática foi aplicado de modo ligeiramente modificado visando, assim, fornecer uma quantidade de variáveis psicológicas existentes de modo amplo na população. Ao invés de uma análise qualitativa, como própria da técnica, o material foi analisado de modo quantitativo. Tal material foi relacionado com as demais descobertas da entrevista enquanto constituído de variáveis mais singulares da personalidade do indivíduo. Adorno frisa que, embora as técnicas houvessem sido elaboradas com finalidades distintas no que tange a captura de determinados aspectos dos indivíduos, todas estavam intrinsecamente relacionadas. Isso possibilitou que, cada qual a seu modo,

fornecesse subsídios para a elaboração de um sistema teórico unificado. Quando duas técnicas mensuravam as mesmas variáveis, uma indicava, em certa medida, a validade da outra. Já quando diferentes técnicas incidiam sobre variáveis distintas, a relação entre elas era o norte acerca de o quão adequadas eram diante o objetivo almejado do que tange sua capacidade de mensuração. As técnicas clínicas forneceram subsídio para fortalecer inúmeras partes do questionário, bem como os resultados quantitativos destes subsidiaram as entrevistas. Assim, da mesma forma que os dados da escala sugestionou variáveis a serem abordadas pelas técnicas projetivas, estas subsidiaram por meio de suas respostas conteúdos a serem incluídos nas escalas. O desenvolvimento das técnicas esteve em consonância com o progresso do estudo na medida em que seu objetivo central residia em diagnosticar o fascismo potencial e, para tal, era preciso desenvolver e testar instrumentos aptos para essa empreitada. Durante esse processo, as técnicas tanto expandiram, quanto se contraíram. No quesito expansão, houve um aumento no número de aspectos da ideologia antidemocrática apresentados. Já a contração esteve presente na parte quantitativa do estudo.

De início, o estudo focalizou em estudantes universitários como sujeitos pesquisados no que tange sua ideologia porque havia uma boa cooperação por parte deles em responder às questões, bem como havia uma certa facilidade em contactá-los para a repetição do teste. O nível intelectual do grupo em questão tornava a amplitude de temas necessários de serem abordados possível, haja visto que possuíam opiniões sobre grande parte. Para a completude do questionário era preciso, segundo o autor, levar em consideração o nível educacional dos indivíduos. Este, por sua vez, deveria garantir a compreensão das questões apresentadas bem como o preenchimento correto do questionário. Sendo assim, “o nível educacional médio dos sujeitos do estudo é por volta da 12° série, havendo aproximadamente o mesmo número de universitários graduados e de sujeitos que não completaram o ensino médio” (ADORNO, 2019, p. 112). Outro fator importante era a possibilidade de que grande parte dos indivíduos compreendiam as questões ali apresentadas de modo uniforme, implicando, assim, numa significância uniforme das respostas. Estudantes universitários, tal como outros grupos, partilham de significações homogêneas cuja relação é

direta para com a determinação da ideologia. Representam um setor de suma importância para a sociedade, contudo, caso o estudo focalize apenas seu estudo, estaria fortemente limitado no aspecto de significância geral. Segundo o autor, dificilmente seria possível elaborar generalizações a partir deste grupo que o colocasse em relação para com uma amostra populacional para além de sua própria. Assim, nessa etapa o que foi almejado não foi saber o quão de uma parcela populacional concordaria com determinadas afirmações, mas possíveis relações entre elas. Como exemplo, Adorno cita duas afirmações: “os sindicatos se tornaram excessivamente poderosos” e “há judeus demais nas agências do governo” (ADORNO, 2019, p. 105). Nesse sentido, os estudantes universitários colaboraram para o processo de aprimoramento de técnicas e obtenção de aproximações entre as questões e as relações mais gerais. Adorno salienta, ainda, que o nível intelectual de tais estudantes diminuía a incidência de indivíduos preconceituosos em meio ao grupo ou de surgimento de elementos que possuíam alguma relação com o preconceito. Deste modo, foi preciso ampliar o leque de grupo de sujeitos estudados, o que possibilitou contrastar a variabilidade de forças de tendências ideológicas existentes de um grupo a outro. Diante o aumento de recursos, o estudo buscou examinar uma ampla variedade de indivíduos visando detectar um número considerável de variáveis sociológicas relevantes para o estudo. Tais variáveis seriam aquelas próprias das esferas política, religiosa, laboral e de associação grupal. Ao total, foram aplicados 2.099 formulários.

Adorno salienta que o grupo no qual o sujeito estava inserido ao preencher o formulário não era, necessariamente, o de maior relevância dada a sua participação em outros grupos. Nesse sentido, o questionário não visou categorizar os sujeitos a partir dos grupos nos quais estavam situados, mas sim categorizá-los a partir da detecção de quais associações grupais eram, de fato, relevantes. A ênfase desse processo residiu em detectar categorias diversas de sujeitos para que assim fosse possível traçar uma ampla cobertura dos elementos responsáveis por influenciarem a ideologia. Neste ponto, o autor ressalta que tal ampliação no leque de sujeitos não visava, contudo, generalizar acerca de parcelas populacionais maiores. O que se buscou foi detectar grupos-chave que tinham muito a oferecer para a investigação do estudo. Grupos de veteranos, clubes de serviços e associações de mulheres

foram escolhidos por diante seu estatuto sociológico, desempenharem certo papel na luta contra a discriminação social. Já grupos de detentos e pacientes psiquiátricos foram selecionados por manifestarem variáveis de personalidade próprias de um indivíduo potencialmente antidemocrático.

De modo geral, os sujeitos estudados foram extraídos da classe média socioeconômica. Isto porque, já de início, os autores detectaram que classes socioeconômicas mais baixas exigiam outros instrumentos e procedimentos, isso fez com que a tarefa fosse postergada. Grupos cuja preponderância de membros de minorias eram existentes foram evitados pois apresentavam problemas não abarcados pelo escopo do estudo. Grande parte dos indivíduos estudados eram residentes da Baía de São Francisco, localidade cuja parcela populacional era composta por recém-chegados advindos de todas as partes da nação, naquela época. E, por fim, as descobertas do estudo se mostraram válidas não para a população geral do país mas para aqueles não judeus, brancos, de classe média e nativos.

Capítulo 5

Escala de Fascismo (F)

5.1 A necessidade de um instrumento para mensuração de tendências implicitamente antidemocráticas

Após o trabalho dos autores incidir sobre as escalas de Antissemitismo (AS) e Etnocentrismo (E), os mesmos debruçaram-se no desenvolvimento de uma escala capaz de rastrear o preconceito acobertado pelas defesas dos indivíduos acionadas, por sua vez, pelo modo direto como as questões eram elaboradas nas escalas anteriores. Deste modo, essa nova escala deveria substituir as supracitadas, derivando de uma correlação satisfatória entre as escalas AS e E. O intuito de ultrapassar algumas fronteiras das defesas do sujeito visava atingir uma mensuração mais válida do preconceito. Tal aptidão não foi evidenciada, por exemplo, pela escala de Conservadorismo político econômico (PEC), haja visto que seus itens “poderiam ser facilmente associados ao preconceito de alguma maneira lógica ou automática” (ADORNO, 2019, p. 124). Posto isto, os autores recorreram ao material clínico coletado até então para nele rastrear tendências hipoteticamente vinculadas ao preconceito e, assim, talharem os itens da nova escala. Para além de mensurar o preconceito sutilmente, aumentando, assim, a eficácia no que tange a sua mensuração, tal escala poderia, para os autores, ser apta também para mensurar satisfatoriamente tendências antidemocráticas a nível de personalidade dos indivíduos. A pretensa capacidade de driblar defesas do sujeito deveria ser validada por meio de estudos clínicos. Tais estudos relacionados às escalas poderiam propiciar o estudo em massa de características até então inseridas sobre a rubrica do individual e qualitativo. Posto isto, o ultrapassar das defesas dos indivíduos parecia requerer o polimento das questões de modo que estas não fossem explicitamente ideológicas facilitando, assim, o estabelecer de uma relação entre elas e o preconceito de forma imediata, fazendo com que a mensuração do preconceito fosse prejudicada. Tal escala deveria ser apta, também, a mensurar o preconceito até mesmo entre membros de minorias, sendo este um notório ganho para Adorno. Como exemplo disto, o autor aponta para “grupos para os

quais questões raciais poderiam ser muito delicadas [*“ticklish”*]” (2019, p. 123) caso contivessem membros de minorias étnicas em seu interior.

Os itens que comporiam a nova escala deveriam ser talhados com base nas escalas AS e E, como já dito, sem mencionar diretamente questões de cunho político, econômico ou social. O material clínico coletado até então parecia ser apto para fornecer matéria-prima para a identificação de tendências hipoteticamente vinculadas ao preconceito. Isto porque tal material continha discussões cujos temas circundavam em torno de “*self*, família, sexo, relações interpessoais, valores morais e pessoais” (ADORNO, 2019, p. 124). As escalas AS e E, por sua vez, evidenciaram que tanto o antissemitismo como o etnocentrismo não diziam respeito a questões apenas residentes de um nível mais superficial do indivíduo, mas também sobre “tendências gerais com origens, ao menos em partes, profundas dentro da estrutura das pessoas” (ADORNO, 2019, p. 124). Assim, a edificação de uma escala apta para chegar a tal nível possibilitaria aos autores a desvendarem as forças motrizes dos preconceitos habitantes do inconsciente. A observância dessas escalas evidenciaram “disposições psicológicas persistentes na pessoa — estereotipia, convencionalismo, preocupação com poder e assim por diante” (ADORNO, 2019, p. 126). Já as discussões ideológicas evidenciaram que haviam disposições estruturando o conteúdo manifesto por meio delas bem como naquelas que, aparentemente, não seriam ideológicas. Tais disposições, segundo o material clínico-genético, frequentemente estavam relacionadas a necessidades residentes em um nível profundo da personalidade — o inconsciente. Assim, em suma, a nova escala deveria rastrear tendências antidemocráticas subjacentes à personalidade. Possibilitando, deste modo que por meio da transposição de hipóteses talhadas por meio de estudos clínicos para os estudos grupais, o estudo de características até então tidas como individuais e qualitativas por meio de uma escala em massa, como posto anteriormente.

O autor salienta, então, que os propósitos da nova escala estariam, por sua vez, intrinsecamente relacionados de modo que poderiam ser mutuamente visados sem que um anulasse ao outro. Assim, essa nova escala deveria ser apta tanto para rastrear e quantificar tendências antidemocráticas próprias da personalidade dos indivíduos, como para mensurar o preconceito sem

questões diretamente referentes a ele — eis a hipótese acerca de como ultrapassar barreiras egóicas. Deste modo, os autores teriam uma visão mais ampla acerca do preconceito. Tal escala foi nomeada de Escala F sendo, sucintamente, responsável por rastrear “tendências pré-fascistas implícitas” (ADORNO, 2019, p. 126). O autor ressalta que apesar da alta correlação necessária entre a escala F e as escalas AS e E, tal correlação não deveria ser alta a ponto de abarcar a totalidade das duas escalas e expressá-las por meio da F. Isto porque poderia haver, assim, um descompasso entre aquilo manifesto nelas e o conteúdo das entrevistas. Indivíduos que pontuaram baixo nas escalas poderiam evidenciar sua suscetibilidade à propaganda antidemocrática na entrevista caso fosse estabelecida certa confiança em um entrevistador cuja postura soasse permissiva em relação a manifestação de preconceitos. Ainda que não houvesse um dizer direto do indivíduo acerca de seus preconceitos, poderia, entretanto, haver manifestação de características que pudessem colocá-lo sobre a rubrica desta suscetibilidade. Como exemplo de tais características, o autor menciona casos em que os indivíduos tendem a pensar em determinados grupos de modo estereotipado, bem como rejeitá-los de modo moralista. A escala F, então, focalizaria o indivíduo que, a partir dos estudos clínicos, tornaram evidente sua receptividade à propaganda antidemocrática. A pontuação de tal escala foi relacionada a outros indicadores de tendências antidemocráticas que não as escalas já mencionadas, também. Posto isto, o autor salienta que “a distinção entre manifesto e potencial não deve ser exagerada” (2019, p. 127). Isto porque, de modo geral, todas as escalas (AS, E, F bem como as demais) seriam aptas a trazerem à tona as tendências antidemocráticas residentes em um indivíduo. Casos de discrepância entre a pontuação das escalas exigiria, segundo ele, um estudo a parte de modo a fazer-se necessário edificar outras explicações que não as apresentadas até o momento.

5.2 A construção da escala de Fascismo (F) e a teoria que a subjaz

Cada item da escala foi alicerçado sobre uma ou várias hipóteses acerca da possível natureza de sua conexão com o preconceito. Tais hipóteses emergiram, por sua vez, da pesquisa realizada por meio dos instrumentos de

investigação condensados, sobretudo, nas escalas AS, E e PEC. Desta investigação, emergiram

respostas a perguntas factuais e discursivas relativas a temas como religião, guerra, sociedade ideal e assim por diante; resultados iniciais de questões projetivas; e, por fim, e de longe o mais importante, o material das entrevistas e dos testes de apercepção temática. (ADORNO, 2019, p. 131).

Para além de tais fontes, outras pesquisas próprias do campo da temática do preconceito foram consultadas. Pesquisas essas que os autores do presente estudo participaram. A literatura geral a respeito do fascismo e do antissemitismo, cuja abrangência ia desde estudos empíricos a teóricos, também serviu de fonte. Os itens foram esboçados, preliminarmente, com base na hipótese formulada acerca da

maneira pela qual alguma tendência profunda da personalidade poderia se expressar em alguma opinião ou atitude que estivesse dinamicamente, embora não logicamente, relacionada ao preconceito contra o *outgroup*. (ADORNO, 2019, p. 133)

No que tange às categorias de tendências centrais da personalidade, estas, como já salientado, foram edificadas com base em pesquisas antecedentes a tal elaboração. Tais tendências, por sua vez, dizem respeito a constructos hipotéticos que destacaram-se como aptos para explicar o porquê da notória consistência entre as respostas das escalas. Estes constructos, por sua vez, vieram a tornar-se fontes de coerência no que tange casos individuais por meio da análise do material clínico, também. Essas tendências foram utilizadas para atribuir sentido aos resultados obtidos por meio da pesquisa. Assim, disposições gerais da personalidade foram detectadas como provável base motivacional do preconceito, sendo compreendidas e expressas como variáveis na pessoa. Tais variáveis seriam expressas de modo plural⁴⁰ e

⁴⁰ “a. *Convencionalismo*. Adesão Rígida a valores tradicionais. b. *Submissão autoritária*. Atitude submissa, acrítica a autoridades morais idealizadas do *ingroup*. c. *Adesão autoritária*. Tendência a vigiar e condenar, rejeitar e punir pessoas que violam valores convencionais. d. *Anti-intracção*. Oposição ao subjetivo, ao imaginativo, a um espírito compassivo. Superstição e estereotipia. A crença em determinantes místicos do destino individual; a disposição a pensar por meio de categorias rígidas. f. *Poder e “dureza” [toughness]*. Preocupação com a dimensão de dominação-submissão, forte-fraco, líder-seguidor; identificação com figuras de poder; ênfase excessiva nos atributos convencionalizados do eu; asserção exagerada de força e dureza. g. *Destrutividade e cinismo*. Hostilidade generalizada, desprezo pelo humano. h. *Projetividade*. A disposição para acreditar em coisas tresloucadas [*wild*] e perigosas acontecem no mundo; a projeção para fora de impulsos emocionais inconscientes. i. *Sexo*. preocupação exagerada com “eventos sexuais”.” (ADORNO, 2019, p. 135, grifo do autor).

formariam, por sua vez, o alicerce da escala F no que tange seu conteúdo. A expressão conjunta destas variáveis formariam uma síndrome que indicariam a existência de um personalidade potencialmente antidemocrática e, conseqüentemente, suscetível a propaganda fascista. É de suma importância salientar que foi a coerência entre os itens das escalas e a possibilidade de talhar uma explicação sobre por meio da alegação a respeito da existência de uma estrutura interna, mais ou menos duradoura, que permitiu aos autores falarem em uma personalidade. Por fim, de modo a dar conta do maior perímetro possível acerca do preconceito, os itens da escala deveriam abrigar em seu interior a representação de ideias diferentes, de modo que cada variável foi composta por mais de um item a fim de abranger tal exigência.

5.3 As variáveis da escala F

A primeira variável apresentada pelo autor diz respeito ao convencionalismo. Os itens elaborados a fim de investigar a “adesão rígida a valores convencionais de classe média” (ADORNO, 2019, p. 135) tinham como finalidade fornecer dados acerca da hipótese de que o fascismo seria, de modo geral, um fenômeno mais característico da classe média dado o grau de ajustamento à cultura por parte desses indivíduos e a conseqüente adesão ao preconceito. As descobertas iniciais do estudo evidenciaram, contudo, que tal afirmação supracitada abriga em seu seio uma complexidade maior do que a aparentada. Isto porque a correlação entre valores convencionais não era tão alta dado que algumas pessoas tidas como convencionais não eram preconceituosas. Instituiu-se, então, que o diferencial dentro de tal grupo de indivíduos seria propiciado pelo tipo estrutural da personalidade de cada membro e do papel do convencionalismo perante a mesma. Assim, haveria uma importante distinção entre o que seria chamado pelos autores de convencionalismo e a simples aceitação de valores convencionais próprios de determinada cultura. Indivíduos que aceitassem tais valores poderiam, por sua vez, resistirem aos estágios avançados do fascismo, expressos pela violência e delinquência, enquanto outros indivíduos não possuíam tal capacidade. Estes, por sua vez, teriam a adesão aos valores convencionais alicerçada na “pressão social extrema contemporânea” bem como “aos padrões dos poderes coletivos

com os quais ele, no momento, está identificado” (ADORNO, 2019, p. 138). Sendo assim, foi conjecturado que tal adesão estivesse fortemente associada a receptividade antidemocrática.

Já a submissão autoritária, ou seja, a submissão a autoridade estaria expressa, por sua vez, no desejo por um líder forte, bem como na serviência do indivíduo ao Estado, por exemplo. Tais aspectos, basilares do credo nazista, parecem aptos para auxiliar no rastrear de correlatos do preconceito. As atitudes próprias da submissão autoritária estiveram presentes frequente e evidentemente associadas ao antissemitismo de modo a dificultar o emprego da metodologia dos autores no que tange a formulação de itens que não abordassem diretamente o preconceito. Posto isto, a tentativa de formulação dos itens com base em tal metodologia exigiu que os autores considerassem a submissão autoritária “como uma atitude geral que seria evocada em relação a uma variedade de figuras de autoridade — pais, pessoas mais velhas, líderes, poder sobrenatural e assim por diante” (ADORNO, 2019, p. 141) de modo que os itens não focalizassem, em momento algum, figuras políticas e ditaduras. Os itens incubidos de rastreamento tal variável deveriam possuir aptidão suficiente para possibilitar que a concordância com eles evidenciasse para além de um “respeito realista e equilibrado por uma autoridade válida, mas uma necessidade emocional exagerada e generalizada de submeter-se (ADORNO, 2019, p. 141). Como exemplo disto, o autor cita a concordância para com a ideia de que a obediência e o respeito deveriam ser as virtudes de maior importância a serem ensinadas para as crianças, ou ainda, que diante um poder sobrenatural o indivíduo não deve apresentar indagações, apenas obediência.

Tal como no caso do convencionalismo, aqui, os autores atribuíram como motivação dessa subserviência à agências externas a hipótese de que ela deriva de “alguma falha no desenvolvimento de uma autoridade interna, ou seja, da consciência” (ADORNO, 2019, p. 141). Outra hipótese edificada apostou que a subserviência exagerada seria resultado do controle de impulsos hostis e rebeldes por meio do medo. O manejo da hostilidade reprimida poderia ser realizado mediante o direcionamento daquilo que é negativo em determinado *ingroup* em direção ao *outgroup*. A repressão de aspectos negativos de determinadas figuras de autoridade são vivenciadas, de início, na

relação dos indivíduos com os pais de modo a espalhar-se pelas demais relações ao decorrer de sua vida. Assim, “injustos, egoístas, dominadores — são então vistos como existindo nos *outgroups*, que são acusados de ditadura, plutocracia, desejo de controle e assim por diante” (ADORNO, 2019, p. 142).

Outra forma de manejo da hostilidade reprimida parece, na opinião dos autores, ser propiciada pela agressão autoritária. Esta, parece emergir da renúncia forçada do indivíduo em relação aos prazeres elementares de modo a gerar uma sobrecarga nele. Isto edificará o desejo de livramento em relação a tal sobrecarga fazendo com o que o indivíduo busque um objeto contra o qual direcionará tal carga excessiva. Outro fator de tensão para o indivíduo pode derivar, também, da ideia de que podem haver outros indivíduos se safando da punição mediante ações condenáveis. Enquanto a submissão autoritária pode ser compreendida como componente masoquista do autoritarismo, a agressão autoritária pode ser compreendida como componente sádico na medida em que busca tal punição. A incapacidade do convencionalista de talhar críticas reais em relação às autoridades por ele aceitas gera um forte desejo por condenação, rejeição e punição daqueles que estariam a violar valores invioláveis, em sua opinião. Tal mecanismo de condenação parecia ser o alicerce da rejeição etnocêntrica em relação ao estrangeiro, bem como a todos aqueles acusados de violadores de valores que deveriam ser preservados, tais como homossexuais, criminosos sexuais e, de modo geral, praticantes daquilo tido como maus modos. Isto porque

a vida emocional que essa pessoa considera adequada e parte de si mesma é provavelmente muito limitada, os impulsos, especialmente os sexuais e agressivos, que permanecem inconscientes e alienados do eu [*ego-alien*], provavelmente serão fortes e turbulentos. Uma vez que, nessa circunstância, uma ampla variedade de estímulos pode tentar o indivíduo e assim despertar sua angústia (medo de punição), a lista de traços, padrões de comportamento, indivíduos que ele deve condenar de fato cresce muito. (ADORNO, 2019, p. 143)

O papel das autoridades externas seria, então, o de autorizar a manifestação das agressões oriundas desses impulsos alienados do eu por parte de certos indivíduos. Tal manifestação pode tomar formas exacerbadamente violentas e pode persistir independente da persistência dos valores convencionais em nome dos quais tal reação emergiu. Há, desse modo, na agressão autoritária um deslocamento da hostilidade engendrada no seio do *ingroup* para o *outgroup*. No que tange este ponto, o autor salienta que,

apesar de soarem semelhantes, o mecanismo supracitado possui uma semelhança meramente superficial para com o do “bode expiatório”. Este, por sua vez, diz respeito à agressão fruto da frustração das necessidades econômicas que, conseqüentemente, leva o indivíduo a atacar objetos tidos como frágeis, que, hipoteticamente, não irão reagir perante ao ataque. Isto pois possui uma incapacidade intelectual de responsabilizar os verdadeiros agentes causadores de sua frustração. Apesar do notório papel exercido por este mecanismo no impulsionar do ataque de minorias, é a incapacidade psicológica de ataque às autoridades do *ingroup* que instaura o imperativo do deslocamento de agressão para o *outgroup*. Com isso, a teoria do deslocamento explica o porquê da justificação moral da agressão contra minorias, bem como da permanência dessa dinâmica diante o cessar do estímulo que a engendrou.

Outro dispositivo que auxilia o indivíduo a manter impulsos alienados do eu é a projeção. Por meio desta, os atributos que tornam determinadas pessoas condenáveis não necessitam, de fato, estarem nelas presentes. Isto porque o indivíduo é capaz de projetar seus impulsos rejeitados no outro de modo a concluir que este é digno de punição e rejeição, enquanto ele não é. Posto isto, parece evidente que o convencionalismo, tal como a submissão e agressão autoritária estão correlacionadas e coabitam, assim, o campo moral da vida. Este, por sua vez, dominado pelas autoridades impositoras de padrões de conduta, responsáveis por criarem a figura do indivíduo passível de punição por violar tais padrões, de algum modo. Os sujeitos que pontuam alto em uma dessas variáveis supracitadas, provavelmente irão pontuar nas demais. Assim, essa tríade pode, por sua vez, ser a expressão de uma categoria estrutural no interior da personalidade, sendo que

a característica mais essencial dessa estrutura é a falta de integração entre as agências [*agencies*] morais através das quais o sujeito vive e o resto de sua personalidade. Pode-se dizer que a consciência ou o supereu [*superego*] está incompletamente integrado ao *self* ou ao eu, sendo o eu aqui concebido como abrangendo várias funções autocontroladoras e autoexpressivas dos indivíduos. É o eu que governa as relações entre o *self* e o mundo exterior e o *self* e as camadas mais profundas da personalidade; o eu se esforça para regular os impulsos de uma maneira que permita a gratificação sem provocar demasiada punição pelo supereu e procura, em geral, levar a cabo as atividades dos indivíduos de acordo com as exigências da realidade. É uma função do eu fazer as pazes com a consciência, criar uma síntese maior dentro da qual a consciência, os impulsos emocionais

e o self operem em relativa harmonia. Quando essa síntese não é alcançada, o supereu tem, de certa forma, o papel de um corpo estranho dentro da personalidade e exhibe aqueles aspectos rígidos, automáticos e instáveis antes discutidos. (ADORNO, 2019, p. 146).

A hipótese acerca da fraqueza do eu como causadora da incapacidade do indivíduo de internalizar o supereu parece fazer coro ao convencionalismo e ao autoritarismo de modo a estar no âmago de tais variáveis. Isto porque, diante tal fraqueza, o indivíduo sente-se impotente diante a necessidade de tomar decisões de cunho moral, invocando para tal agências a ele externas. Deste modo, é como se seu supereu estivesse exteriorizado.

Outras expressões da fraqueza do eu estariam relacionadas diretamente a fenômeno tal qual “a oposição à introspecção, a superstição e a estereotipia, além da ênfase exagerada no eu e em sua suposta força” (ADORNO, 2019, p. 147). Segundo Murray, intracepção diz respeito ao predomínio de sentires característico de um perfil predominado pela imaginação e subjetividade, expressas por sentimentos, fantasias, especulações e aspirações. Se oposto seria a extracepção, caracterizada, por sua vez, pelo predomínio de fatos tangíveis e objetivos. Deste modo, uma postura contrária a intracepção parece evidenciar um eu fraco na medida em que o indivíduo age pautado num notório medo em relação ao pensar sobre os fenômenos humanos e, conseqüentemente, ao que habita o campo dos sentimentos, enxergando tal área como uma em que se perderia o controle facilmente diante dela e, também, como uma área facilmente geradora de pensamentos vistos como indevidos. A falta de contato com a vida interior seria alicerçada no medo do que tal contato poderia revelar. Assim, o indivíduo recusa a se debruçar sobre seus conflitos interiores e se volta para atividades práticas, de preferência aquelas das quais emergem pensamentos felizes. Neste ponto, o autor alude ao programa nazista e seu notório empenho em difamar e dizimar tudo aquilo que propunha o indivíduo a tomar consciência de si e de seus conflitos. Isto, em última análise, engendra a desvalorização do humano em detrimento de objetos físicos fazendo, assim, com que os seres humanos fossem vistos como objetos passíveis de manipulação ao invés de cuidado amoroso.

Outra variável diz respeito a superstição e a estereotipia. A superstição, por sua vez, diz respeito à crença de que o destino individual é determinado por agentes externos de ordem mística e fantástica. Já a estereotipia diz

respeito a tendência do indivíduo pautar o seu pensar em categorias rígidas de enquadramentos da realidade. Tanto a superstição quanto a estereotipia estão notoriamente vinculadas ao etnocentrismo. Tais disposições, embora comumente sejam associadas à pouca inteligência, o autor chama a atenção para a possibilidade de ambas serem, também, expressões de um eu fraco. Isto pois

pode-se supor que uma das razões pelas quais as pessoas na sociedade moderna — mesmo aquelas que são “inteligentes” ou “informadas” — recorram a explicações primitivas e excessivamente simplificadas dos acontecimentos humanos é que muitas das ideias e observações necessárias para uma avaliação adequada não são permitidas nessa apreciação: por serem carregadas de afetos e potencialmente produtoras de angústias, o eu fraco não pode incluí-las em seu esquema das coisas. Mais do que isso, aquelas forças mais profundas no interior da personalidade que o eu não pode integrar consigo provavelmente serão projetadas no mundo exterior; esta é uma fonte de ideias bizarras sobre o comportamento de outras pessoas e sobre as causas dos eventos da natureza. (ADORNO, 2019, p. 150).

Já a superstição cumpre o papel de auxiliar o indivíduo a entregar para forças externas a responsabilidade que deveria residir em seu interior e estar sobre seu controle — é como se o eu renunciasse sua potencialidade de determinação do destino do indivíduo. É de suma importância salientar, aqui, a real diminuição da capacidade do indivíduo no que tange a determinação de seu destino na sociedade industrial moderna. Deste modo, os itens elaborados com a pretensão de evidenciar a fraqueza do eu dada sua desistência perante o destino do indivíduo deveriam levar em conta a realidade da causação externa no destino do indivíduo.

A variável responsável por incidir sobre “a ênfase excessiva nos atributos convencionalizados do eu” (ADORNO, 2019, p. 151) encontra seu alicerce na hipótese acerca da fraqueza do eu, bem como no dever deste em desempenhar uma grandiosa tarefa⁴¹, engendrando, desse modo, uma superexibição de dureza. Neste ponto, o autor pontua que os impulsos estão tão próximos do eu quanto o eu quanto a consciência. Intrínseco ao fenômeno de dureza exacerbada estaria o complexo de poder. Este, por sua vez, se manifesta no exagero dado à ênfase do poder no seio das relações humanas expresso pelo enquadramento constante de tais relações sobre a lente de

⁴¹ Tarefa essa motivada pela “força de certos tipos de necessidades que são proscritos na cultura do sujeito” (ADORNO, 2019, p. 152),

subordinação-subordinante. No que diz respeito a essa dualidade, parece incerto o papel em relação ao qual o indivíduo se identifica. Isto pois, ao mesmo tempo que parece ansiar pelo poder e, conseqüentemente, subordinar outrém a ele, aparenta, também, temer o poder e seu exercício. Aparentemente, admira o poder alheio na medida em que deseja a ele submeter-se. Tal submissão gera, ao mesmo tempo que anseio, temência haja visto que tal atitude pode o colocar sobre a rubrica do fraco. A contradição dos elementos desse complexo ganha expressão na variedade de características predominantes a nível superficial do indivíduo. Aqui, o que importa não é a manifestação desta ou daquela característica, mas o interesse exacerbado desses indivíduos por relações inscritas na ordem líder-seguidor. Tal interesse possui como alicerce uma dupla satisfação propiciada por essa dinâmica na medida em que dá conta de satisfazer a necessidade de poder e outra de submissão ao poder, de modo a gerar uma crença que, assim, está partilhando dele, também. Por fim, é de suma importância salientar a intrínseca relação desse complexo com o etnocentrismo, pois

um indivíduo que pensa a maioria das relações humanas a partir de termos tais como forte *versus* fraco provavelmente aplica essas categorias em seus pensamentos sobre *ingroups* e *outgroups*, por exemplo para conceber raças “superiores” e “inferiores”. E um dos dispositivos psicologicamente menos custosos é reivindicá-la com base na associação a uma “raça” particular. (ADORNO, 2019, p. 153).

Mais adiante, a variável apresentada pelo autor diz respeito a destrutividade e cinismo e incide sobre a “agressividade racionalizada aceita pelo eu” (ADORNO, 2019, p. 155). Como já posto, as restrições impostas aos indivíduos sobre suas necessidades, geram fortes impulsos agressivos. Estes podem ser manejados por meio do deslocamento da agressividade contra o outgroup, desencadeando para o indivíduo, conseqüentemente, tanto uma indignação moral, como forte disposição à agressão autoritária. Contudo, diante da necessidade de tornar tais impulsos aceitáveis para o eu, podem ocorrer modificações capazes de driblar a censura moral dessa instância. Como exemplo, o indivíduo pode concordar com afirmações postas em termos brandos sem, contudo, deixarem de ser agressivas de modo a estarem a uma mera justificativa de distância para que o indivíduo parta para a agressão autoritária. A hostilidade poderia, ainda, estar calcada em um desprezo pela humanidade de modo que, sem rumar contra um objeto em particular, exime o

indivíduo de responsabilidade por ela. Outro norte teórico acerca do aspecto em questão, diz respeito ao livre exercício da agressão mediante a crença de que todos estão a praticar. Aqui, “não é necessário dizer que tal agressividade indiferenciada poderia, por meio de propaganda, ser facilmente dirigida contra grupos de minorias ou contra qualquer grupo cuja perseguição fosse politicamente vantajosa” (ADORNO, 2019, p. 155).

A variável acerca da projetividade buscou utilizar a tendência projetiva dos indivíduos a fim de desvelar os impulsos subjacentes de suas respostas. Anteriormente, a projetividade foi posta de modo a estar intrinsecamente relacionada com a agressão autoritária. Comumente, o mecanismo projetivo é utilizado como forma de justificação para intenções agressivas por parte de alguns indivíduos. Assim, a projeção se configura como “um dispositivo para manter as pulsões do isso [id] alheias ao eu [ego-alien] e pode ser tomada como sinal de inadequação do eu no desempenho de sua função” (ADORNO, 2019, p. 156). Para os autores, ficou evidente que, quanto maior a preocupação do indivíduo com elementos tidos como “do mal”, mais fortes seriam seus anseios destrutivos inconscientes, bem como os de sexualidade. Os itens da escala F que incidiram sobre a sexualidade demonstraram conexão para com a projetividade, bem como para com a agressão autoritária. A tendência punitiva direcionada aos considerados transgressores nesse aspecto, tais como homossexuais, criminosos sexuais e praticantes de supostas orgias, poderia estar calcada na identificação com autoridades do *ingroup*. Ou, ainda, no medo do indivíduo em relação a perda de controle sobre seus desejos sexuais reprimidos. No que tange a projeção e sexo, Adorno salienta que “o conteúdo sexual dificilmente seria projetado a menos que o sujeito tivesse impulsos dessa mesma espécie que estariam inconscientes e fortemente ativos” (2019, p. 158). Por fim, posta a discussão acerca da metodologia de edificação da escala F e de seu conteúdo, o autor debruçou-se a evidenciar o aparente sucesso da mesma no que tange seu objetivo de mensurar sorrateiramente o preconceito. Já o propósito da escala de mensurar a potencialidade fascista a nível de personalidade, parecia requerer maior respaldo, segundo o autor. Apesar de estar fortemente amparada por meio da correlação satisfatória entre as escalas e suas variáveis, o autor considera, cautelosamente, ser preciso evidenciar de modo conclusivo que as variáveis da

escala F dizem respeito a variáveis de personalidade. Os estudos qualitativos de ideologia, por sua vez, frutos da investigação clínica, serviram para tal. Assim, seria possível afirmar que a correlação entre as escalas formariam uma síndrome cuja natureza reside em tendências antidemocráticas residentes a nível de personalidade em determinados indivíduos. Eis o rastreamento do autoritarismo.

Conclusão

Em suma, o presente trabalho emergiu de um desejo de compreender acerca de um fenômeno social que há muitos assombra, ainda, dado sua constante efetivação na realidade — o fascismo. Desejo esse que espera encontrar desejos semelhantes a si, potentes rumo a ruptura com aquilo que há de anticivilizatório no seio da civilização e, assim, contribuir em relação a eles, de algum modo. As mãos pertencentes a quem nutre tal desejo residem no Brasil e finalizam a escrita desse trabalho dias antes do segundo turno da eleição geral federal de 2022, na qual concorre um candidato à Presidência da República que, possivelmente, trata-se de um líder fascista, conforme a descrição adorniana. Seu nome é Jair Messias Bolsonaro. Em 2018, essas mesmas mãos iniciaram o folhear das obras de Adorno em busca de compreender mais sobre o fascismo, pois esse mesmo candidato concorria, também, ao cargo de Presidente da República, mobilizando seus eleitores por meio de um discurso de ódio, pouco comprometido com a verdade. Concorreu e venceu a eleição. Desde então, no Brasil, tem havido o aprofundamento de condições de regressão que induzem os indivíduos à barbárie. As mãos supracitadas pertencem a uma professora de Filosofia que atua na rede pública do Estado de São Paulo cujo desejo, agora, avança rumo à necessária compreensão de como combater o fascismo. Será a Educação capaz de tal empreitada? Segundo Adorno, cabe investigar sua aptidão para tal, pois essa deveria, em sua concepção, ser a prioridade dos objetivos educacionais: desbarbarizar. Afinal, “o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo” (ADORNO, 2021, p. 31).

Referências

ADORNO, Theodor W.. **Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

_____. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

_____. **Liderança democrática e manipulação de massas**. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor_Adorno_-_Lideran%C3%A7a_democr%C3%A1tica_e_manipula%C3%A7%C3%A3o_de_massas.htm?1349567546>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

CARONE, Iray. **A Personalidade Autoritária: estudos frankfurtianos sobre o fascismo**. Sociologia em Rede, Goiânia, v. 2, n. 2, p.14-21, 2012. Disponível em: <<http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/2carone2>>. Acesso em: 11 maio 2019.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JAY, Martin. **A imaginação dialética: história da escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisa Sociais, 1923/1950**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionários de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998.